Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3934unse

no XXXIX – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de abril-maio de 1963 – N. 3-

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Provas Positivas da Reencarnação . *Redação*
Angelo Watson Campêlo . . . . *Redação*
Vidas Sucessivas . . . . . *Carlos Imbassahy*
Teoria e Doutrina . . . . . *Deolindo Amorim*
Ideologia e Linguagem Cristã e Pagã *Bianor S. Medeiros*
Transporte . . . . . *João Teixeira de Paula*
Arigó Operou a Cabeça do Marujo Epiléptico da Marinha de Guerra *Moacyr Jorge*
Carta para o Além . . . . . *Januário Groppa*
Dinâmica e Fins das Mocidades Espíritas . . . . . *Natalio Ceccarini*
Serões Bíblicos — X . . . . . *Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalípse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecías apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possívelmente no meio do caminho.

Brochado Preço: cr$ 120,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

Encadernado Preço: cr.$ 400,00.

Médiuns e Mediunidades

Êste apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

Brochado Preço: cr.$ 120,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP

Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Obras psicografadas por Francisco C. Xavier

EMMANUEL

Caminho, Verdade e Vida
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Roteiro
Vinha de Luz
Seara dos Médiuns
Justiça Divina
Paulo e Estevam (romance)
Há Dois Mil Anos «
50 Anos Depois «
Ave Cristo «
Renúncia «

ANDRÉ LUIZ

Libertação
Nosso Lar
Agenda Cristã
Ação e Reação
Os Mensageiros
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Evolução em dois mundos
Mecanismo da Mediunidade
Nos Domínios da Mediunidade

HUMBERTO DE CAMPOS

Brasil, Coração do Mundo
Crônicas de Além-Túmulo
Contos e Apólogos
Novas Mensagens
Lázaro Redivivo
Pontos e Contos
Luz Acima
Boa Nova

CASEMIRO CUNHA

História de Maricota (infantil)
Juca Lambisca «
Timbolão «

MEIMEI

Pai Nosso (infantil)
Evangelho em casa «
Cartilha do Bem «

VENERANDA

Os filhos do grande Rei (infantil)
O Caminho Oculto «

NEIO LUCIO

Alvorada Cristã (infantil)
Mensagem do pequeno morto «

OUTROS

Instruções Psicofônicas
Parnaso de Além-Túmulo
Almas em desfile
Vozes do Grande Além
O Espírito da Verdade
Cartilha da Natureza
Jesus no Lar
Perolas do Além
Falando à Terra
Gotas de Luz
Voltei
Cartas de uma Morta
Coletâneas do Além
A Vida escreve
Volta Bocage

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril-Maio de 1963 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-RESPONSÁVEL : *José da Cunha*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Provas Positivas da Reencarnação

A doutrina das vidas sucessivas tem ocupado a atenção dos maiores filósofos de todos os tempos. Espíritos mais eminentes da antiguidade, alguns de modo velado, outros claramente, confessavam a sua crença na pluralidade das existências, teoria em que baseavam os seus argumentos filosóficos.

Pitagoras que introduziu na Grécia a doutrina das vidas sucessivas, diz que em suas viagens ao Egito e à Persia, se inteirou de que era esta a dourina dominante de todos os pensadores.

Platão adotava a idéia pitagórica da Palingenésia, (1) porque ela explica perfeitamente a reminiscência de vidas anteoriores.

Orígenes, no seu livro—«Dos Princípios»—1.º, passa em revista os numerosos argumentos que vêm em apôio da preexistência e da sobrevivência das almas em outros corpos para explicar a desigualdade das condições humanas, e pergunta a si mesmo, qual é o total das etapas alcançadas por sua alma em outras peregrinações através do infinito, quais são os progressos realizados em cada uma das estações, as circunstâncias dessa grande viagem e a natureza particular de suas residências.

Jamblico sintetiza assim referida doutrina : «A justiça de Deus não é a justiça dos homens. O homem define a justiça com relação à sua vida atual e seu presente. Deus a define relativamente a nossas existências sucessivas e a universalidade de nossas vidas».

Cícero, Virgilio e outros não são alheios a esta doutrina. S. Clemente de Alexandria se pronuncia a favor da transmigração das almas, assim como S. Jerônimo. S. Gregório de Nisa diz—que há necessidade que a alma imortal seja curada e purificada, e que se não foi durante a vida terrestre, a cura operar-se-á em vidas futuras e subseqüentes.

Enfim, não só na antiguidade, como também nas eras judaica e cristã, na idade média e nos nossos tempos, a doutrina reencarnacionista tem sido objeto de meditação para os grandes pensadores. Leibnitz um dos mais eminentes filósofos do século XVII, como Dupont de Nemours, do século XVIII, e Charles Bonnet, acham que as almas voltam à terra para se aperfeiçoar e adquirir moralidade no mais alto gráu.

Lessing escreve: «O que impede que cada homem tenha existido várias vêzes no mundo ? Esta hipótese é ridicula por ser a mais antiga ? Porque não terei eu dado no mundo todos os meus passos sucessivos para o meu aperfeiçoamento ?»

Ballanche, Schegel, Saint Martin estão acordes com Dupont de Nemours.

---

(1) *Palingenésia,* do grego: *Palin,* de novo: gênesis, nascimento.

Enfim, a idéia Palingenética tem embalado os maiores gênios do nosso planêta. Sob o ponto de vista histórico, só a tem repudiado os que fundaram a sua crença nos dogmas do inferno e paraíso. Mas não é êste o nosso tema — A reencarnação embora abraçada pelos grandes pensadores não se funda em concepções pessoais, mas sim em provas positivas que os fatos nos oferecem.

* * *

Uma das provas predominantes da doutrina da pluralidade das existências é a lembrança do passado ou seja a reminiscência das vidas anteriores, verificada com certos indivíduos.

Estudado cientìficamente, êste fenômeno nos induz a crêr que a memória integral não é propriedade da substância cerebral, mas que ao contrário ela se acha localizada na parte indestrutível do nosso eu que Allan Kardec denominou *perispírito.* As aparições dos vivos demonstram claramente que existe em cada um de nós um segundo corpo, identicamente semelhante ao primeiro, que pode se exteriorizar e até agir à distância. A existência dêste corpo é que explica a preexistência e a sobrevivência individual e o estado dinâmico que preside e entretem a organização e a reparação do corpo carnal. O perispírito é, pois, o regularizador das funções, o arquiteto que vela e mantém o corpo físico durante essas mutações contínuas da matéria que o constituem. Além disso a existência do perispírito, como um instrumento de precisão, esclarece com absoluta fidelidade as menores variações da personalidade; tôdas as volições do pensamento, todos os atos da inteligência têm nêle sua repercussão. Alguns escritores chegaram a compará-lo a um cinematografo vivo sôbre o qual se fixam sucessivamente nossas aquisições e recordações.

Admitido, portanto, êste princípio espiritual, sem o qual tudo se torna obscuro, o estudo sôbre as vidas sucessivas se esclarece de um modo bem patente, alicerçado sôbre fatos positivos, que se manifestam expontâneamente ou provocados. Nêste caso há necessidade de apelar para o magnetismo, para que o espírito exteriorizando-se possa dar ao seu organismo psíquico uma vibração de acôrdo às suas modalidades anteriores que auxiliam a passagem das reminiscências guardadas no inconsciente para o consciente.

O Conde De Rochas, antigo diretor da Escola Politécnica ocupou-se muito dêsse gênero de experiências, chegando até a escrever uma obra que se acha traduzida em várias línguas, com o título—«As Vidas Sucessivas». Essa obra contém importantes relatos de sessões realizadas por êle com diversos indivíduos. É assim que o ilustre sábio se pronuncia sôbre o assunto: — «É certo que por meio de operações magnéticas, pode-se, progressivamente, levar a maior parte dos sensitivos a épocas anteriores à sua vida atual, com as particularidades intelectuais e fisiológicas, características dessas épocas, e isso até o momento do seu nascimento. Não são lembranças que se acordam, são estados sucessivos da personalidade que são evocados; essas evocações se produzem sempre na mesma ordem e através de uma sucessão de letargias e estados sonambúlicos. É certo que continuando essas operações magnéticas, além do nascimento, e sem haver necessidade de recorrer-se às sugestões, faz-se passar o *sujet* por estados análogos, correspondentes às encarnações precedentes e aos intervalos que separam essas encarnações».

As experiências de Rochas com a Srta. Mayo são muito conhecidas dos estudiosos e demonstram muito bem a doutrina das vidas múltiplas. Mas não é só êste caso que o ilustre sábio cita: no cap. «Regressão da Memória e Previsão» apresenta nada menos de dezenove *sujets,* com quem fêz experiências comprobatórias.

Outros sábios também de valor, e que não são espíritas, narram casos semelhantes aos verificados por De Rochas, fatos êsses que demonstram a existência de uma lei de correlação, digna de estudo e observação.

As provas, porém, ainda mais convincentes, a ponto de tornarem a teoria reencarnacionista temida pelos seus mais impiedosos adversários, são as de

previsão, ou sejam — os anúncios antecipados de reencarnação, nos quais os espíritos, identificados, designam a época do seu renascimento na terra, o sexo, e ministram indicações sôbre suas aparências físicas e disposições morais, que permitem reconhecê-los em seu regresso a êste mundo, chegando êles a predizer particularidades de sua próxima existência, fatos êstes que se tem podido verificar.

O problema do destino humano está intimamente ligado à lei dos renascimentos, que além de dar aos homens a idéia de Deus como um Ser justo e bom, exalta a solidariedade como uma condição essencial do progresso social, e satisfaz as nossas mais altas aspirações facultando a cada um, um futuro de felicidade de acôrdo com os méritos conquistados pelo trabalho, pelo estudo e pela prática das virtudes ativas.

Angelo Watson Campêlo

Mais um grande pioneiro do Espiritismo no Brasil, acaba de deixar êste plano, em demanda do plano espiritual, — o plano da verdadeira vida.

Desencarnou dia 19 de março p.p., nesta cidade, o sr. Angelo Watson Campêlo, pessoa aqui geralmente estimada e competente Diretor de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», publicações estas fundadas pelo saudoso Cairbar Schutel.

Da «Revista Internacional do Espiritismo», foi êle Redator desde o desencarne de seu fundador, vindo mais tarde com o desencarne de José da Costa Filho a assumir o cargo de Diretor-Responsável de ambas as publicações, cargo que exerceu até o último dia de vida terrena, com reconhecida competência.

Na falta de outros companheiros, como José da Costa Filho e Italo Ferreira, Campêlo foi, como êle costumava dizer brincando, o testa-de-ferro dos órgãos de Propaganda Espírita em Matão. Agora com sua brusca passagem, parece-nos difícil de ser preenchida, a lacuna deixada pela sua libertação.

Que Jesus em sua misericórdia possa enviar novos trabalhadores dedicados e sinceros em lugar do culto, querido e inesquecível Campêlo e assim continuarem sua vida já longa «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo».

Não obstante contar com idade um tanto avançada, possuia Watson Campêlo uma resistência física invejável mesmo, e daí, causar surpreza o seu inesperado passamento, não só entre os seus familiares, assim como à coletividade matonense, na qual, diga-se a verdade, todos eram seus amigos, pelos excepcionais dotes de que era possuidor.

Logo que se tornou conhecida, na cidade, a notícia do seu passamento, elevado número de pessoas, de tôdas as posições sociais acorreu à sua residência, levando o seu confôrto à família que vinha de sofrer a separação de seu ente querido. E com o correr do dia, e a noite tôda, de diferentes cidades, não só visinhas, e mesmo distantes, chegavam, mais e mais, parentes e amigos, a fim de velarem e trazerem o seu último adeus terreno ao desencarnado.

* * *

A' noite foi feita uma prece pelo Dr. José Pereira Brasil, Juiz de Direito de Patrocínio (MG), que numa magnífica oração exaltou os exemplos de amor e dedicação que o companheiro Campêlo dedicou às obras deixadas por Cairbar Schutel, representadas nas suas publicações. Logo mais, foi feita a leitura da obra «Boa Nova», pelo confrade Wallace R. Leal e pelo Dr. José Pereira Brasil.

À tarde, antes de sair o féretro, leu um trecho do Evangelho de São João o confrade Dr. Gil Perche de Menezes. A seguir, pronunciou sentida e expressiva oração a irmã Aparecida Minzoni, Instrutora da Escola de Enfermagem, de Ribeirão Preto, U S P.

Às 14 horas, deu-se o saimento fúnebre, tendo a acompanhá-lo incontável número de pessoas.

Ao baixar o corpo à sepultura, falou exaltando as qualidades e trabalho do confrade Watson Campêlo, com palavras repassadas de verdadeiro sentimento, o Dr. Flávio Pinheiro, represen-

tando a USE da Capital, a 7.ª Região da mesma e a UME da cidade de Ibitinga.

* * *

Angelo Watson Campêlo foi casado em primeiras núpcias com a exma. sra. d. Ana Guilhermina Viana Campêlo, tendo deixado desse consórcio, os seguintes filhos : Hugo Viana Campêlo, casado com d. Maria Ferrari Campêlo ; D. Elza Campêlo Hadad, já falecida, casada com Jorge Hadad ; Walter Viana Campêlo, casado com d. Maria da Anunciação Ferreira Campêlo ; Max Viana Campêlo, casado com d. Josefina Cazarsa Campêlo ; Angela Campêlo Nogueira, casada com Sebastião do Valle Nogueira ; Otto Viana Campêlo, já falecido ; Erwin Campêlo, casado com d. Maria da Gloria Marques Campêlo ; Rita Viana Campêlo, já falecida.

Deixa 13 netos e 24 bisnetos.

* * *

Mudando-se para Matão, em 1939, após o desencarne de Cairbar Schutel, veio prestar aqui seus valiosos préstimos às publicações por êle deixadas, «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», consorciando-se então em segundas núpcias, com d. Antonia Perche da Silveira Campêlo, atual e esforçada gerente das nossas publicações.

Dêsse consórcio deixa uma filha, srta. Elvira Perche Campêlo, Prof.ª Normalista e aluna do 4.º ano da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de S. Paulo.

* * *

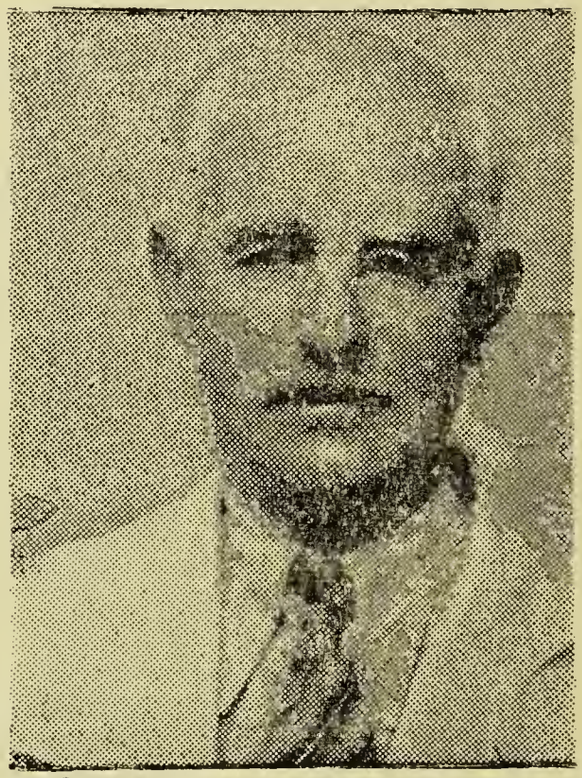
Angelo Watson Campêlo nasceu em Campinas (SP), em 4 de abril de 1882. Formou-se em Odontologia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1908, tendo exercido essa profissão até aos 77 anos de idade.

Tendo como exemplo o Apóstolo Paulo, Campêlo ao par das suas lides jornalísticas em prol do Espiritismo, sempre trabalhou honestamente pelo pão de cada dia dentro de sua profissão de dentista, com a admiração de seus colegas por sua tenacidade, resistência e amor ao trabalho, apesar da idade.

Desde 1928, Campêlo prestou seu concurso valioso a Cairbar Schutel, como tradutor, pois era poliglota, falando correntemente inglês, francês, alemão, espanhol e italiano, além do seu conhecimento primoroso do latim e português. Apesar de sua vasta cultura, Campêlo foi humilde e cheio de nobreza, podendo-se dizer dêle ser um homem como disse Jesus, cujo falar era «sim-sim, não-não».

* * *

Conforme dissemos, linhas acima, após o desencarne do nosso querido amigo Campêlo, incalculável número de amigos da família, aqui residentes e fora daqui, vieram trazer os seus votos de solidariedade, no transe por que acabava de passar, entre os quais, salvo alguma falha de nossa parte, pudemos anotar :



ANGELO WATSON CAMPÊLO

Da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, U. S. P., representando o Corpo Docente da Escola, vieram as instrutoras d. Zélia Barbosa Machado e d. Maria Aparecida Minzoni, e representando o Corpo Discente, um grupo de alunas do 4.º ano da mesma Escola. E mais os srs. Roberto Silva, Rafael Incoronati,

B. de Abreu, José Cunha e sr. Anacleto.

De Araraquara — Srs.: Raphael Medina, Luiz Luca, D. Idalides de Araujo e filha, Pedro Cellis e senhora, Antonino Rodrigues Leal, Wallace Rodrigues Leal, Domingos Demarzo, José Cardoso, Orlando M. Perches e familia, Teófilo Perche da Silveira e família, Salvador Martins Perche e senhora, Olga Martins Perches, Maria e Luiza Emiliano da Silva, José R. Marques e família, Francisco B. Cano e filha.

De Jaboticabal — Srs.: Pedro Volpe, Francisco Volpe, Aparecido Campi e Aparecido Silva

De Araras — Sr.: Dr. Gil Perche de Menezes e família.

De Piracicaba — Sr.: José Perche de Menezes.

De Ibitinga — Sr.: Dr. Flávio Pinheiro, representando os espíritas de Ibitinga, a USE da Capital e a 7.ª Região da USE.

De Patrocinio, MG—Sr.: Dr. José Pereira Brasil, Juiz de Direito e sua exma. senhora.

De Getulina — Srs.: Décio Perche de Menezes e Oswaldo Perche de Menezes.

De São Paulo: — Angela Campêlo Nogueira, Sebastião do Vale Nogueira, José Campêlo Nogueira, Erwin Campêlo Nogueira, Glória Marques Campêlo, Mauricio Marques Campêlo, Hugo Viana Campêlo, Jorge Hadad, José Campêlo Hadad, Antonio Campêlo Hadad, Raul Antunes, Arlinda Perche Antunes, Jairo Perche de Menezes, Cleide Perche de Souza, Zilah Perche Ribeiro, João José Aguiar e Alfredo Pagliarini.

De Dobrada: — D. Jesuina Barbieri.

—

Por intermédio de telegramas, cartas, cartões e pessoalmente, a família de Watson Campêlo recebeu votos de solidariedade, na conjuntura por que acaba de passar, das seguintes pessoas:

sr. Arthur Araujo, de Monte Alto; d. Maria Felone, sr. Alexandre Barbosa, sra. e filho, e sr. Orlando Bertachini, de Araraquara; Dr. Carlos Imbassahy, de Niterói, RJ; D. Laura Santos Albuquerque, de Sorocaba; Prof.ª D.ª Glet de Alcântara, Diretora da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, U S P, de Ribeirão Preto; sr. Miguel José Kfouri, Banco Comércio e Indústria de São Paulo S. A., sr. Darcy Sola, todos de Matão; Valeria e Adelino Grillo, de Porto Feliz; Silvia, Helena e Pérsio Goulart de Faria, de Araraquara. Da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (U. S. P.): Do Corpo Docente: Srta. Orlis Gabarra, Sra. Celia Ferreira Santos, Srta. Victória Secaf, Srta. Geraldina Passeri, Sra. Nadir Sampaio, Srta. Emilia Saporiti; Do Corpo Discente: Centro Acadêmico da Escola de Enfermagem (U. S. P.); Do 1.º Ano da Escola de Enfermagem; Do 2.º Ano da Escola de Enfermagem; Do 3.º Ano da Escola de Enfermagem; de Emília e Guiomar, alunas do 1.º Ano da Escola de Enfermagem; dos Funcionários da Escola de Enfermagem; do Sr. Sebastião Nogueira e Senhora; da Srta. Sebastiana Almeida; Srta. Lara Brandani, da Escola de Enfermagem; Diretores e Func. do Sanatório Espírita «Vicente de Paulo», — todos de Ribeirão Preto. Dr. Bianor da Silva Medeiros, de Olimpia; Do Centro Espírita «Fóra da Caridade Não Há Salvação», de Olimpia; d. Genny Antunes, de Caçapava; do sr. Antonio Volpe e Família, de Jaboticabal; Srta. Helena Lian, de São Pedro; D. Helena Nogueira, D. Eugenia da Silva, Urubatão Pitta, D. Ozitha Oliveira Petrin e João Eudóxio da Silva, todos de Piracicaba; Max Viana Campêlo e Família, D. Judith G. Galembeck, J. Popolo Junior, Eduardo de Almeida Prado Filho, D. Maria Amalia e Jurandyr Marques, D. Zoraide Pitta V. da Silva, Olimpio Franco Suannes, D. Josefina e José B. Silveira, D. Eliza de Camargo, João Armando Mancuso, Vicente Lucá. D. Marina Goulart de Faria, D. Branca Goulart de Camargo, Eurico de Camargo, Francisco de Paula Cardoso, Antenor Ramos, O. A. de Oliveira, D. Tereza e Itagiba Borges, Irene Carvalho e Familia, Flávio Fusco, Ary de Castro Freitas e D. Maria Helena C. Freitas, todos de S. Paulo; Ismael Gomes Braga, Deolindo Amorim, Newton Boechat, Arnaldo S. Thiago, Dr. Francisco Klörs Werneck, todos do Rio de Janeiro; Valdo Vieira e Francisco Cândido Xavier, de Uberaba; Agnelo Morato, de Franca; V. O. Casella, José Bocucci, D. Adelina e Othon Amaral, todos de Araraquara; Dr. Domério de Oliveira, de Catanduva; Brasilio A. de Matos, de São Carlos; D. Rosa Nobre Cardial, de S. Roque; D. Cyra de Oliveira Petrin, de Americana; D. Iracema e Leonardo Severino, de Mon-

te Azul Paulista; Antonio Torres, de Londrina; D. Juracy Silveira Perches, de Tanabi; Euclides Nogueira, de São Gonçalo do Sapucaí; Leonidia e Adelia Leite, Antonio Márques Serra, Pedro Ivo Fratini e família, Benedito G. Nascimento, todos de Campinas; Anunciata Brochieri, de Itapetininga; D. Felisbina e Lindolfo J. Carvalho, de Porecatu; Antonio Martins Barbieri, de Fernandópolis; Elias Caires Braz, de Palmeira D'Oeste; Mario de Araujo Junior, de Tatuí; Dante Ferioli, de Marilia; João Brandão Junior, de Itapira; Antonio Fante, de Junqueirópolis; Hugo Gonçalves, de Cambé; Associação Espírita «Cairbar Schutel» e Ademar Duarte Constant, de Duque de Caxias.

— Com votos de Luz e Paz espiritual, sob as bençãos de Jesus, espôsa, filhos e demais familiares de Watson Campêlo, bem como os componentes da Redação de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo» agradecem, sensibilizados, a todos quantos lhes enviaram votos de solidariedade por motivo do passamento do seu querido chefe e companheiro.

VIDAS SUCESSIVAS

Carlos Imbassahy

Sob o sono hipnótico e às vêzes sem sono nenhum, o indivíduo é transportado a determinada época da vida presente, ou ao espaço, ou a uma vida passada, que descreve com grande fidelidade.

O caso, como demonstração das vidas sucessivas, só parece interessar, no Ocidente, a espíritas. Os doutos têm os seus processos científicos para explicar o fenômeno, rindo discretamente os mais generosos da nossa ignorância, enquanto outros não podem suster uma ruidosa casquinada. E depois entram êles, sábia e gravemente, com as suas complicadas explicações, onde há pouco entendimento mas muita ciência.

Vejamos o que nos diz sôbre o assunto um dos mais modernos tratados sôbre Hipnotismo, da autoria de notáveis hipnólogos uruguaios. O capítulo refere-se à regresion de edad, que sintetizamos:

Êsses fenômenos—dizem os Autores—são descritos como regression de edad, una progression de edad y una transidentificacion, respectivamente.

E continuando:

— Um indivíduo sob estado hipnótico é como uma criança que quer agradar aos pais. Se o operador lhe pede que volva a um período da infância, que se sinta outra pessoa, e se o pedido não é contrário às convicções profundas do paciente, êle porá suas capacidades psíquicas na representação do papel a que se propõe.

Os que têm capacidade para a vivacidade da memória —, a hipermnésia —, mobilizam uma caudal de recordações, muitas vêzes remotas e semi-olvidadas, que revelam insuspeitados conhecimentos relativos a seu papel.

E lhes parece muito simples essa mobilização. Mas, continuando:

«Se o paciente tem capacidade para exaltar as fantasias, elas servem para preencher as lacunas. Se logram a perfeita diferenciação entre o próprio pensamento e a realidade, podem ver e ouvir o que provém das representações mentais que surgem das recordações ou das fantasias e desempenhar o papel com as reações corporais que poderiam corresponder às situações por êle criadas».

Tudo para êles fàcilmente compreensível. E lembram que na literatura referente ao hipnotismo figuram casos de pacientes que ao reviver a infância esquecem o seu idioma (1); acertam na data em que sucederam muitos acontecimentos (2); respondem a testes de inteligência como crianças dessa idade (3);

(1) *Smith G. M. Zawadski* — A case of stage fright originating of the age of seven, relieved with the aid of hipnotic recall.

(2) *True, R. M.* - Experimental Control.

(3) *Sarbin* — Mental ages changes; *Kline* — Hipnotic age regression.

apresentam reações psicosomáticas que experimentaram no passado (4).

Diz Sarbin que o mecanismo dos fenômenos hipnóticos deriva do desempenho de um papel. Assim, o paciente representaria uma pessoa incansável, surda, que está comendo, que vê objetos inexistentes.

Como se nota ou já notaram cientistas, é que os pacientes, ao reviver a infância se portam como infantes, dizem a data dos acontecimentos, mostram o que sentiam e pensavam nessa idade. Bem, o ponto é não passar-se daí. O que não será lícito para êles é transpôr o limiar da vida presente.

Quando surge um caso de regressão da memória à vida anterior, passam por alto, ou fogem; será uma fantasia hipnótica; e quando as «fantasias» se tornam impressionantes, entram a descobrir o que as poderia ter produzido, os contos, histórias e lembranças que as teriam provocado. Outra vida é que não é possivel.

Temos exemplo nas experiências de Morey Bernstein com a senhorita Ruth Simmons, (5) que não foram mais que a reprodução de muitas outras conhecidas dos psiquistas que merecem êste nome, isto é, as já obtidas por vários outros hipnologistas.

Vejamos agora como êles, os entendidos, descrevem o caso:

Entusiasmada com o papel e capaz de ricas fantasias, passou a moça, Ruth Simmons, a descrever sua morte e sua vida numa encarnação anterior, na pessoa de Bridey Murphy, uma irlandêsa que viveu havia 150 anos; descreveu os funerais, deu pormenores sôbre a vida anterior, mencionando conhecidos, ruas, incidentes, o seu ambiente, da morte ao nascimento.

Mêses depois, porém,—aí é que fica revelado o mistério — o Rev. White, de Chicago, cotejou essas recordações com fatos da vida real da moça e escreveu uma série de artigos que esclareceram o caso da reencarnação: A menina havia passado a infância entre irlandêses em Chicago, dançara a giga típica nas ruas por uns cêntimos, recitara poemas com acentuação irlandêsa. Os nomes que recitou provinham da colônia de irlandêses. (6)

Essas hipóteses se tornaram verdades irrefragáveis.

Como se vê, tudo explicado, e os Autores passaram adiante. Da vasta literatura sôbre o assunto não boquejaram, e limitaram-se ao caso de Bridey Murphy porque houve o White, de Chicago, que descobriu uma colônia de irlandêses. Mais não foi preciso para dar todo o assunto da regressão da memória como iniludível e absolutamente liquidado.

Não sabemos se se verificou a autenticidade dos descobrimentos de White, visto como são suspeitas as declarações dos sectários, que deturpam, amoldam, ajeitam e até fraudam, tudo muito piedosamente, uma vez que têm em mira salvar a fé, periclitante com tais revelações. A prova das vidas sucessivas fará desmoronar um edifício secular.

E às vêzes, sejamos justo, agem de boa fé, certos de estarem com a razão e a verdade, visto que é comum termos sinceramente como realidade aquilo em que acreditamos ou que anelamos.

Galina tira conclusões científicas de uma única obra, e não tem mais dúvida quanto às suas conclusões, uma vez que se descobre uma família irlandêsa em Chicago.

Bem sabemos como se chegam a certas conclusões. Houve testemunhas das danças da menina? Não nô-lo diz o relato. Se irlandêses dançam na rua, a menina deveria ter dançado. E é só. E White, sempre com as mais nobres intenções, para logo revelou que a menina dançara mediante alguns níqueis.

O ajeitamento continua com os Autores: A menina ficou entusiasmada e era rica em fantasias.

Não sabemos onde acharam isso. Que exame psicológico ou psicanalítico o revelaria? Mas era preciso justificar a «fabulação». Por que, sem mais nem menos, iria a moça encenar uma vida

---

(4) *Erikson* — Development of aparent unconsciousness during hypnotic.

(5) *Morey Bernstein* — Search of Bridey Murphy (*A procura de Bridey Murphy*).

(6) *Galina Solovey y Anatol Milechnin* — El hipnotismo del hoy — *Buenos Aires, 1957.*

de cento e cincoenta anos passados? Intervém aí então o entusiasmo e a riqueza de fantasias. Sem esta riqueza e aquêle entusiasmo não havia como acertar o compasso.

* * *

Não se trata ùnicamente de Ruth Simmons. Há mais de uma dúzia de experiências idênticas, perfeitamente descritas. Em sono hipnótico os pacientes, ainda os mais acanhados mentalmente, revelam vidas anteriores ou fatos dessas vidas. Estariam todos êles, sem exceção, fartamente entusiasmados e nadando numa riqueza de fantasias?...

Na pressa de apanharem aquela tábua de salvação, a do entusiasmo e das fantasias, e mais o achado de White, que logo acolheram como indubitável, Galina e Anatol, desconhecendo as pesquisas de Bernstein, não deram tento de que muitos fatos descritos pela hipnotizada não se limitaram aos conhecimentos de uma família de Chicago, nem a nomes que poderiam provir de uma colônia.

Destarte, referia-se ela, memorando a vida de Bridey a um sogro, advogado; êsse sogro era natural do Colorado. Bridey vivia numa casa branca, de madeira, em Cork. Aos 17 anos, desposara o advogado Brian Mc. Carthy e foram habitar em Belfast. Descreveu a cidade de Antran, onde havia um mercieiro de nome Farr. O marido era jornalista, escrevia no *News Letters*.

Tudo isto que se passara cento e cincoenta anos antes foi descoberto; encontraram-se os nomes, os incidentes, os pormenores.

O sogro, advogado católico, chamava-se John Mc. Carthy. Numa terra protestante parecia difícil topar-se um advogado filiado ao Catolicismo. Pelo registro de Kings verificou-se, entretanto, que houve em 1830 um advogado com aquêle nome e que se educara na Escola de Clongowes. Não constava mais ninguém com um nome idêntico.

Havia na época, por ocasião de casamentos, uma dança. Não se sabe se o costume perdurou com as características descritas. Não tiveram dúvida, porém, em afirmar que a moça devia conhecê-la. Havia também uma história irlandêsa que Bridey narrava. Para verificar-lhe a realidade foi preciso recorrer-se a «uma preeminente figura literária da Irlanda», que a confirmou.

Referia-se a paciente a uma cultura de fumo. O fato causou desmentidos, mas soube-se que houvera, de fato, naquele longinquo passado, ligeiras plantações de fumo. Falava ela de Brian, seu pai, como católico, professor na Uversidade de Queen. Contestou-se o fato, por ser a instituição protestante. As pesquisas, porém, demonstraram que lentes e estudantes, naquela Universidade, podiam ter a religião que quisessem.

Em transe, certa vez, ela espirrou e pediu, em vez de lenço, um pano de linho. Verificou-se que não havia lenços naqueles recuados tempos e que era costume assoarem-se as pessoas com panos de linho. Como a colônia saberia disso para meter o lance, sem o lenço, na cabeça da menina?

Bridey descrevia os lugares em que vivera, com os acidentes que então existiam e depois desapareceram, dava os nomes da época, hoje inteiramente diversos, com as minúcias só conhecidas dos que ali estiveram ou viveram. Foi preciso longa e penosa busca ao passado para a verificação de todos êsses informes.

Ao que parece tudo será uma ninharia e virá certamente ao raso das futilidades desde que houve uma família de irlandeses em Glasgow.

Ao lado de todos êsses fatos cuja realidade se verificou, narra ela pormenores de família, coisas íntimas, descrições de evidente realidade, que seria impossível estivesse no conhecimento de uma família irlandesa, cento e cincoenta anos depois. Alguns não se puderam verificar, pois só a família de Bridey os poderia saber. Assim, estabeleceu-se a seguinte salvadora explicação: os fatos expostos pela sonâmbula e que se conseguiu verificar, teriam sido fornecidos pela família irlandesa, por mais difícil que fôsse descobrir os canais por onde êles chegaram a essa família; os demais, os que não podiam ser fornecido por ninguém, os que falam em existência pretérita, êsses, não têm dúvida os mestres, dimanam do entusiasmo da vidente e da riqueza de suas fantasias.

Em suma, não há escapar: ou o que se passou há 150 anos veio gravar-se na memória da criança através da família irlandesa, para logo desaparecer

e só surgir mais tarde no transe hipnótico, ou o que ela disse nesse transe, explodiu por efeito de fantasia e entusiasmo.

Uma vida anterior é que não pode ser. Foi decretada cientificamente a sua impossibilidade. Aos doutos, hipnólogos ou não, é como se trata-se da quadratura do círculo ou do movimento contínuo.

* * *

Nos Estados Unidos, em vista do êxito obtido pelo livro de Bernstein, apareceu uma obra em que colaboraram hipnólogos, psiquiatras, psicólogos e psicanalistas, adunados na demonstração de que a experiência era uma farsa e o seu autor um inepto.

Os conhecedores, porém, da matéria, ao lerem o trabalho dêsses profissionais, é que melhor perceberão onde se foi aninhar a farsa e a inépcia.

Para mostrar aquelas coisas ambas, diz por ex., um dos colaboradores, Bernard Ragunsky, que «é muito fácil regredir o sujeito à sua vida no planeta Marte ou à lua se preferir.»

Cenvém salientar que não houve ainda nenhum caso hipnótico de regressão à Lua ou a Marte ; mas se fôsse possível descobrir a veracidade dos relatos e a impossibilidade por parte do paciente de os conhecer, o caso não seria tão fácil aos falsificadores como supõe o presidente da sociedade de hipnose.

Pois é precisamente o que acontece nas experiências clássicas da regressão: a descrição de fatos passados que o *sujet* não podia conhecer. De onde se vê que a «turma» não sabe disto.

Um pequeno exemplo para mostrar o desconhecimento do douto escritor, até em matéria de curso primário.

Falou Bernard em um bilhão de pessoas que aceitam a doutrina da reencarnação. Êsse «bilhão» foi glosado por quase todos que compuseram o livro. E riram a bom rir. Provàvelmente, para êles, reencarnacionista é apenas o espírita. E o hipnologista comenta:

«*I doubt very much whether a financial statement made up as loosely as this would be acceptable anywhere*». Isto é, êle duvidaria que um balanço apresentado com essa desenvoltura fôsse aceito em algum lugar.

De onde se vê ignorarem êles que as religiões que possuem maiores adeptos são reencarnacionistas. Quase tôda a Ásia acredita na reencarnação. Juntem-se agora os reencarnacionista do Ocidente, os das tribos da África e da Oceânia, e veja-se a que alturas irão as cifras.

Lessem êles *L'Evolution Humaine* de Horlebeque, e notariam que muito maior motivo haveria para rir com o que não aprenderam do que com o bilhão orçado por Bernstein.

Iremos longe apontando os êrros daqueles entendidos, e por isso paramos por enquanto, forçado pelos limites do espaço.

Teoria e Doutrina

Deolindo Amorim

O Espiritismo, como se sabe, é uma doutrina, cujos princípios, pela sua seqüência e homogeneidade, formam um corpo, um *todo* integral. Não é, portanto, uma teoria hipotética, como tantas vêzes se lê por aí, em livros e jornais. Muita gente fala em «teoria espírita» indiferentemente, como se estivesse tratando de simples hipótese, pois o vocábulo *teoria* tem acepções diversas, de acôrdo com os casos a que se aplica. Diz-se, por exemplo, teoria por oposição ao chamado espírito prático. Teórico, no entendimento popular, é tudo quanto não é prático ou imediato. Quando se quer dizer que uma tese não está demonstrada ou não tem consistência, logo se objeta dêste modo: «tudo isso é pura teoria...» Os homens que têm muitos projetos mas não realizam coisa alguma são chamados de «teóricos». Não há, entretanto, incompatibilidade entre a teoria e a prática. Cada qual tem o seu momento: a teoria necessita da prática, mas a prática, por sua vez, não pode dispensar a teoria em tudo por tudo. É neste sentido apenas, isto é, o

sentido de oposição às coisas práticas, que muita gente entende o conceito de teoria. Há, também, uma definição equivalente à de *doutrina,* dando a teoria como um sistema racional de princípios. Geralmente *doutrina* e *teoria* são empregadas como sinônimos, talvez até por uma questão de comodidade mental. Daí, o fato de alguns autôres dizerem apenas «a teoria espírita», quando se referem ao Espiritismo.

No sentido lato, como se diz, é sempre fácil dar amplitude à significação de certas palavras, mas no sentido específico, quando é preciso dar uma idéia mais clara do que se quer dizer, já não é mais possível tanta elasticidade. É o caso de *doutrina* e *teoria.* Para determinados autôres, que não adotam as teses espíritas, o Espiritismo é simplesmente uma «teoria», mas teoria, para êles, é uma opinião individual, uma hipótese qualquer. Nada mais do que isto... Para nós, entretanto, é muito mais do que isto: é uma *DOUTRINA.* Temos, então, que sair das generalidades ou das idéias correntes para as definições apropriadas, tendo em vista os casos em que nem sempre *doutrina* e *teoria* são a mesma coisa. Uma palavra tem uma acepção na linguagem técnica ou científica e pode ter, ao mesmo tempo, outra acepção, muito diferente, na linguagem vulgar. Como diz G. Gaston Granger, em *Lógica e Filosofia das Ciências* (Edições «Melhoramentos»), «Uma teoria científica é uma *TENTATIVA* para unificar conhecimentos esparsos». Ora, uma tentativa é um trabalho provisório, ainda sujeito a modificações. O mesmo Autor apresenta, para ilustração, várias *teorias,* que apareceram no campo da Física, como a «teoria ondulatória», a «teoria da emissão» e muitas outras, cujas previsões, mais tarde, foram alteradas por novas descobertas. Foi o que se deu com a teoria atômica de Dalton, apesar de grande influência nas concepções científicas de sua época. Uma teoria, a bem dizer, é uma hipótese de trabalho. É uma solução, que se propõe, para explicar determinados fenômenos, até que, de teoria em teoria, se possa chegar a uma solução definitiva. Segundo Claude Bernard, *a teoria é a hipótese verificada, depois que foi submetida ao contrôle do raciocínio lógico e da crítica experimental.* Conseqüentemente, as teorias têm que caminhar com as experiências, submetendo-se às modificações que se tornarem necessárias. Cada teoria tenta explicar as coisas dentro das possibilidades ou dos recursos daquele momento. Depois de algum tempo, desde que venham conhecimentos novos, as teorias vão sendo substituidas ou reformadas, quando não perdem a sua razão de ser. A teoria representa a fase de preparação, o esfôrço inicial da inteligência para encontrar o caminho certo; a doutrina representa a fase de consolidação, o amadurecimento das experiências. Uma doutrina tem o caráter de conjunto, ao passo que uma teoria tem um caráter mais casuístico, porque se restringe a um *caso,* um aspecto, um sentido, por exemplo, sem a complexidade do corpo de uma doutrina. Cada escritor ou investigador que estude um assunto pode formar provisòriamente a *sua* teoria, de cunho individual, como também uma teoria pode chegar a ser uma doutrina quando as suas proposições se confirmam com o tempo e pela fôrça dos fatos. Isto, porém, não é regra geral. Uma teoria é um trabalho pensado, partindo de certas premissas ou, pelo menos, de alguns «dados da experiência», podendo prevalecer durante algum tempo, enquanto não surja uma prova em contrário.

O emprêgo da expressão «teoria espírita», indeterminadamente, se levarmos em conta o sentido estrito e não o sentido amplo ou corrente, não corresponde ao verdadeiro caráter do Espiritismo. A doutrina espírita já está consolidada, não é mais uma tentativa e, muito menos, uma hipótese; já saiu, há muito, da fase da experiência, porque atravessou incólume o longo período de mais de um século sem sofrer desmentido em nenhum ponto de sua estrutura. Que é, afinal, uma *teoria* científica ou filosófica? É um sistema de proposições, sem caráter definitivo, com o objetivo de interpretar um fenômeno ou uma ordem de fenômenos. Que é uma *doutrina*? É um conjunto de princípios, uma construção racional, com o necessário encadeamento e suas conseqüências. Quando se constitui uma doutrina, que é uma espécie de coroamento de todos os esforços esparsos, naturalmente já foram «peneiradas», criticadas ou aproveitadas as teorias aceitáveis. O Es-

piritismo reúne tôdas as condições de uma *doutrina* em sua conceituação mais exata, justamente porque:

a) — não é uma opinião pessoal;
b) — já ultrapassou a necessária experiência histórica;
c) — não foi superada por nenhuma outra doutrina;
d) — mantém um sentido homogêneo em tôdas as suas partes;
e) — tem conseqüências lógicas, como decorrência de seus princípios.

Já se vê, portanto, que não lhe é adequada a designação pura e simples de «teoria», significando mera suposição, como se lê em determinadas obras. Não se pode comparar o Espiritismo, que é uma doutrina já formada, e que já passou pela prova do tempo e da crítica, com qualquer *teoria pessoal,* lançada como simples sugestão ou para atender a circunstâncias do momento. Por *teoria pessoal,* e são muitas dêste gênero, não se deve entender sòmente aquela que tenha origem humana ou terrena, mas também qualquer outra, que venha do mundo espiritual, e corresponda apenas a uma opinião particular, por mais bonita ou engenhosa que nos pareça. Pode haver alguma teoria no Espiritismo, mas uma teoria, de A ou B, não é a doutrina. Qualquer um de nós pode ter uma opinião especial sôbre êste ou aquele ponto da doutrina e formar uma teoria própria que é, na realidade, uma aspiração sincera. Conheço, por exemplo, a *teoria* de um confrade nosso, a respeito do perispírito. Tem êle um modo de ver todo *seu,* afastando-se um pouco de certos princípios doutrinários. Então, por causa disto, elaborou uma teoria pessoal, que é de sua exclusiva responsabilidade. Sei também de outra teoria, sôbre a reencarnação, mas em frontal desacôrdo com a doutrina espírita. Tudo isto são teorias particulares, simples hipóteses, sem a consagração das provas e sem um processo crítico. Há teorias aproveitáveis, como há teorias discrepantes e até incoerentes. O Espiritismo não se confunde com nenhuma teoría pessoal, seja da Terra, seja do além. Penso, por isso mesmo, que é imprópria a qualificação de «teoria» para o Espiritismo, porque êle está muito acima de qualquer hipótese ou teoria particular, uma vez que a sua organização é a de um corpo de doutrina, cujas afirmações fundamentais não estão mais na fase empírica e não se restringem às limitações de uma época ou de um ciclo histórico.

Ideologia e Linguagem Cristã e Pagã

BIANOR S. MEDEIROS

I. — A Bíblia não é um livro mas um conjunto de livros reunidos em um só volume. Cada um dêles se destaca dos demais não só pelo autor, como pelo tempo em que foi escrito, como ainda pelo objeto de que trata, como também pela linguagem que o caracteriza. Até 1500 da nossa era, quando surgiu a Imprensa, cada um dos livros que a compõe era um manuscrito, escrito em papiro ou pergaminho, todos soltos, destacados e independentes uns dos outros. As cópias eram feitas por escribas especializados na lingua hebraica e no assunto. No comêço eram poucas as cópias, mas elas foram se avolumando e se espalhando, à medida que o ensino se generalizou. De maneira que um livro qualquer foi sendo reeditado, passando de mão em mão de copistas diferentes, no tempo e no espaço. Qualquer livro é um todo harmonioso, lógico, refletindo fielmente o pensamento de quem o escreveu. Original é a primeira edição, a autêntica, a verdadeira, a fiel, a princeps, as demais podem ser fieis ou infieis, iguais ou diferentes da original. São os apócrifos. O êrro pode estar disseminado no livro todo, num só capítulo, num período, numa frase ou numa palavra. Qualquer alteração que desvirtue o pensamento do autor incrimina o texto. O hebraico é uma lingua que expressa a cultura e a civilização eminentemente espiritualista de Israel; enquanto o grego e o latim a cultura e a civilização pagã e

idólatra do paganismo grego-romano. Cada língua é a expressão típica, própria, do pensamento, da idiologia, da cultura e da civilização do povo, da nação que a fala e escreve, que as cultiva. Tanto o Judaismo como o Cristianismo nasceram em Israel, se consolidaram em Israel, foram veiculados pelo hebraico, porque israelitas foram os construtores destas ideologias. Jesus era israelita e israelitas foram seus discípulos diretos, os primeiros, os elementos diretos de sua difusão. Targum é a tradução da Bíblia do hebraico para outra língua estrangeira. Quando a Bíblia se internacionalizou pela cristianização dos gentios, no primeiro século da éra cristã, surgiram os primeiros atritos, as primeiras controvérsias, as primeiras sérias divergências entre Israel e os gregos-romanos. Faltava ao grego e ao latim uma terminologia especifica, para uma boa tradução do hebraico, da ideologia judaico-cristã. A primeira Bíblia grega, mais conhecida por Bíblia de Alexandria, foi considerada apócrifa pelo ilustre massoreta Rabbi Simeão ben Gamaliel I. Foi ela então condenada, repudiada como tradução infiel do original. O Cristianismo se sintetiza em Jesus, no Evangelho, em sua obra, na formação cristã da personalidade humana. É o culto interior, a mudança de hábitos e costumes, de tendências e inclinações, a vida nova, o estílo de vida espiritualizante, cristianizante, evangelizante. Grécia e Roma cultivavam o culto exterior, pagão, idólatra, autoritário, imponente. Desde então as diferenças se acentuaram e cresceram, até que atingiu o seu climax, com a abolição da Revelação Espiritual que é o fundamento do Cristianismo, com o repúdio ao Monoteismo ensinado por Moisés e confirmado pelo Divino Mestre, com a criação de um Deus tripartido em três pessoas diferentes — o Pai, o Filho e o Espírito Santo, com o primado de Roma sôbre os demais núcleos cristãos, com a criação do cléro romano, dos dogmas, dos sacramentos, do Direito Canônico, introduzidos oficialmente pelo Concílio de Niceia, em 325, confirmado pelo de Constantinópola em 381 de nossa éra. Os Romanos chamam isto de progresso da religião enquanto os israelitas qualificam tal fenômeno de paganização do Cristianismo e do Judaismo, eis que chegaram a trocar o Evangelho pela Teologia, o ensino Divino pelo dos homens. Mas isto é subversão dos valores e da própria hierarquia espiritual, o endeusamento dos homens e a humanização da própria Divindade.

II. — O caso Flavio Josefo ainda comporta maiores observações, Iodsef Mathathiahú, José filho de Matatias, era Israelita culto e historiador emérito. Escreveu êle a História dos Hebreus e a História da Guerra entre os Hebreus e os Romanos, guerra esta que durou de 66 a 70 da nossa éra e que foi chefiada por Simeão bar Kosehbah contra Tito Flavio Vespasiano, imperador romano de 69 a 79, no começo general em chefe das Legiões Romanas do Oriente. Flavio Josefo é pseudónimo laudatório ao general que aprisionou e protegeu o israelita. Mathathiahú é corrupção de Mathathiah, palavra composta de dois elementos hebraicos — Mathath — presente e Iah, contração de Iahveh, o Senhor, o Eterno. Mathathiah significa, pois, presente do Eterno, presente do Senhor. Ninguém pode acreditar que Flavio Josefo ignorasse o hebraico e a significação do nome paterno. Assim, temos de admitir que foi um escriba estrangeiro, ignorante do hebraico e da significação do referido nome, quem estropiou a palavra Mathathiah. Mas não é só. Mathathiah se degenerou em Matheus e Mathias, conservando tais nomes a mesma significação daquele, o original. Matheus e Mathias são fórmas contratas, reduzidas de Mathathiah. E' o fenômeno conhecido em Linguística pela lei do menor esforço, em que as palavras mais compridas são reduzidas para fórmas mais curtas, guardando a significação das primeiras, de cunho eminentemente popular. Flavio é o nome latino, Flavius Loiro, enquanto Josefo é a latinização de Iodsef. Estas deturpações tanto são verificadas em nomes próprios como nos comuns, como se verifica nos seguintes casos: 1) — galuth, que significa exílio entre os hebreus, é traduzida por dispersão pelos gregos e romanos; 2) — sinagoga é o nome grego do templo israelita, enquanto em hebraico o seu nome é «Betel», a Casa do Senhor ou Betknesset, assembléia do povo israelita; 3) — o hebraico Bethashim, a casa dos vivos é traduzida por cemitério, com a signifi-

cação de dormitório, onde os defuntos ficam dormindo até o julgamento do juizo final, de onde irão os defuntos para o céu, para o inferno ou para o purgatório. É por isto que os italianos criaram o provérbio popular: traduttore, traditore; tradutor, traidor.

Mais um exemplo para mudarmos de assunto. Kohen, que os romanos traduzem por sacerdote, os israelitas interpretam como sacrificador.

III. — A humanidade foi politeista, idólatra até Moisés, Mohsheh, em 1.500 antes de Cristo. Moisés, pela Revelação, introduziu o Monoteismo em Israel, a idéia de um Deus único, universal, o Deus Verdadeiro, o Deus dos deuses, o Pai dos deuses. Mas em Israel ninguém chama Deus de Deus, que é uma palavra latina e em grego Theos, mas de Iahveh, o Eterno, que estropiaram para Jeovah. Mas como Iahveh é é nome inefável, que não se pronuncia, por respeito os israelitas criaram a palavra El, Senhor, para substituí-lo, que também se degenerou em Eloi, Eloim, com a mesma significação. Jesus chama Deus de Abba, Pai, afirmando mais que Deus é espírito (João, 4/24). Paulo, Aos Romanos, afirma «Deus é um só» (Romanos, 3/30). Pedro afirma a Jesus: «Tu és o Messias, o filho de Deus vivo» (Matheus, 16/16) significando Mashiah, Messias, «o ungido do Senhor ou melhor, o ungido do Eterno»; no que não foi desmentido. Jesus afirma claramente: «Eu sou o Messias» (João, 4/26). Jesus ainda é chamado de Fiho de Deus (João, 9/37) e de Filho do Homem (João, 6/27). Mas o título missionário do Divino Embaixador é «Rabi», Méstre, meu Mestre e «Rabboni», nosso Mestre. É ainda chamado de Bom Pastor e Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Em verdade, em nenhuma passagem dos Evangelhos, Jesus se diz Deus nem é chamado de Deus. Uma única passagem exige interpretação, quando Jesus afirmou ser um com o Pai. Mas um com o Pai não é a confusão de duas pessoas diferentes em uma só, mas é um com o Pai em ideal, em pensamentos, em sentimentos, em obras, a graça Divina completa, a comunhão espiritual verdadeira e perfeita, a sintonia perfeita do inferior com o superior, o ideal maior de todo cristão. Assim, a promoção de Jesus a Divindade, é obra de cultura grego-romana, do Concílio de Nicéia, confirmado pelo de Constantinópla a paganização do Cristianismo, o desvirtuamento da ideologia do Divino Mestre, simples êrro por ignorância mas êrro grosseiro. Jesus, como disse a Divindade, pela Revelação no batismo de João e na Transfiguração do Monte Tabor é «o meu Filho muito amado; ouvi-o». Assim, Jesus não é Deus. E' o irmão mais velho, mais sábio, mais puro, mais perfeito, enviado do Pai aos irmãos menores, para espiritualiza-los, para cristianizar tôda a humanidade.

IV. — Espírito Santo é outra criação grego-romana, a terceira pessoa divina. Santo é um adjetivo que vem do latim sanctus, sancta, sanctum, puro, imaculado, sem manchas. Era a exigência dos sacerdotes do paganismo romano que nenhum animal manchado pudesse ser sacrificado aos deuses. A vítima do holocausto tinha que ser um animal de uma cor só, a branca, sem manchas. Santo é a tradução do hebraico Kadosh, que significa separado dos demais para o serviço do Senhor, escolhido entre os demais para o serviço do Senhor.

Temos diversos exemplos desta verdade, confirmando-a: «Muitos são os chamados mas poucos são os escolhidos»: «Não fostes vós quem me escolhestes mas fui eu quem vos escolhi a vós» (João, 15/16). São os enviados do Senhor, os mensageiros do Senhor. Assim, Espírito Santo não é um espírito, mas o conjunto dos espíritos superiores encarregados pelo Senhor para ajudar os homens encarnados e desencarnados. Temos ainda a palavra grega aportuguesada «paracleto», que significa espirito invocado, espírito chamado. E nem o grego, nesta passagem, socorre os romanos. Agios, grego, que traduz kadosh, tem o mesmo significado de Kadosh, de espírito escolhido para o serviço do Senhor. Com êste êrro, foi criado o Deus tripartido, politeista, pagão, endossado pelo clero romano. Obra de Atanásio contra Arios, de Roma contra Israel, do paganismo contra o Cristianismo, não pode prevalecer, tem que fracassar, tanto na Terra como no Espaço Interplanetário, para agora e para sempre, para a felicidade espiritual do gênero humano. — 22/11/1962

TRANSPORTE

(Do Dicionário de Têrmos Espíritas (Manuscrito) de João Teixeira de Paula)

Transporte (de *transportar*). Fenômeno de translação de pessoas e de coisas orgânicas e inorgânicas.

É comum o uso de **Transporte** no sentido de **Bicorporeidade, Bilocação, Desdobramento, Ubiqüidade.** Sem dúvida *transporta-se* o Espírito que se biloca, que, indo de um lugar para outro, se desdobra, que está em diversos lugares ao mesmo tempo. Há evidentemente o fenômeno de **Transporte.** Dada porém a existência de têrmos, não dizemos mais apropriados, mas sim com aparência mais técnica, julgamos conveniente a adoção de **Transporte** com a significação única de **Translação de Coisas** ou de **Pessoas** e não no de **Bicorporeidade, Bilocação, Desdobramento, Ubiqüidade.** Quando outra razão não houvesse para a preferência, haveria a da conveniência de uma uniformização de nomenclatura.

Ernesto Bozzano, no sentido de **Desdobramento,** usou de uma expressão que, não obstante ser interessante, não resolve a questão, porque tanto pode aplicar-se a fenômenos de **Desdobramento** como aos de **Transporte** de pessoas ou de coisas: **Traslazione Spirituale**: *translação espiritual.* (1)

A questão nomenclatória, e não a fenomênica, do **Transporte** material, é curiosa. O francês tem **Apport** já vernaculizado em **Aporte.** Em português, ao que nos parece, quem usou do têrmo **Transporte,** pela primeira vez, foi o Marechal Francisco Raimundo Éwerton Quadros, na página 320, edição de 1900, da tradução da obra de Robert Dale Owen: **The Debatable Land Tetwenn This Worl And The Nex** *(Região em litígio entre êste mundo e o outro),* publicada em Nova Iorque, edição de 1874, de que temos conhecimento apenas por citação. O Marechal talvez estivesse traduzindo o próprio **Transport** inglês.

Transporte não é bem aceito por um ou por outro escritor. Luigi Barzini, referindo-se ao **Transporto** italiano, reputa-o mesmo bárbaro: *termine bárbaro.* (2)

O francês, e com êle outras línguas, têm, até certo ponto, uma vantagem que nós em língua portuguêsa não temos: **Apporteur,** que é o médium de **Transporte.** Dizermos médium **Transportador** é incorrer em riso. Pior seria se falássemos em médium **Aportador...** Aliás ficaríamos mais próximo do italiano: **Apportator.** Um escritor espírita brasileiro, do princípio dêste século, fêz uso da expressão: **Médium Transportativo.** (3)

Allan Kardec só usou de uma forma: **Apport.** O Espírito de Erasto empregou **Transport.** (4) **Apport** e **Transport** se empregam normalmente em francês.

O tradutor português de **O Livro dos Médiuns** (5) substituiu sistemática e inexplicàvelmente **Apport** por **Dádiva.** Tentou-se, com o beneplácito posterior de Guillon Ribeiro, o emprêgo de **Trazimento,** que Mário Braga (6), com muita razão, considera inadequado, uma vez que só serve para o fenômeno que se dá de fora para dentro e não de

dentro para fora. Seria preciso então falar de **Trazimento** e **Levamento**, feiúra que não cai no gôto de ninguém.

O ideal seria pois a adoção dos italianismos **Apporto** e **Asporto**. **Apôrto** (forma vernaculizada) seria até melhor do que **Aporte** por causa da existência de **Asporto**, para cujo fenômeno o francês — e como êle o português e outras linguas — não tem correlato: **Apôrto** para o transporte que se realizasse de fora para dentro e **Asporto** para o que se realizasse de dentro para fora.

Aporte, conforme foi dito no respectivo verbete, conquanto seja boa forma vernácula, no sentido espirítico é galicismo. A **Aporte** preferimos **Apôrto** por causa do **Asporto**. Há assim não só uniformização na adoção de estrangeirismos, mas também ficamos melhor servidos, uma vez que o português, o espanhol, o francês, o inglês e o alemão — para só citarmos as línguas vivas com as quais temos um contacto mais ou menos maior — não possuem têrmo próprio para indicar o fenômeno de **Transporte** que se realizasse de dentro para fora ou de fora para dentro. **Apôrto** e **Asporto** resolveriam o caso.

Se tivéssemos autoridade doutrinária, proporíamos a seguinte divisão:

1. **Bicorporeidade, Bilocação, Desdobramento, Ubiqüidade:** fenômeno da saída, na expressão teosófica, em corpo astral.

2. **Transporte: Apôrto e Asporto.**

A. **Transporte:** para indicar o fenômeno da translação genérica (de dentro para fora ou de fora para dentro) de coisas ou de pessoas.

B. **Apôrto:** para particularizar o fenômeno da translação de fora para dentro.

C. **Asporto:** para particularizar o fenômeno da translação de dentro para fora.

Acabaríamos assim com uma confusão que não se justifica.

(SERVIÇO DE DIFUSÃO DO ESPIRITISMO)

---

(1) Ernesto Bozzano — DA MENTE A MENTE, pág. 99, ed. de 1946.

(2) Luigi Barzini — NEL MONDO DEI MISTERI, pág. 44, ed. de 1946.

(3) Dr. H. S. Figueira — Númer. Compêndio de moral religiosa, científica e social conforme o Epiritismo, pág. 75, ed. de 1904.

(4) Allan Kardec — LE LIVRE DÈS MÉDIUNS, pág. 155.

(5) Edição feita em Lisboa, em dois volumes, em 1882. No exemplar que possuimos vem a nótula, escrita à tinta e de mão naturalmente estudiosa, de que a tradução deve ter sido feita sôbre a primeira edição original, porque a segunda edição, datada de 1862, é mais desenvolvida.

(6) Mário Braga — na Revista METAPSÍQUICA, ano I, n.º 4, pág. 176, São Paulo.

TRIUNFO DA IMORTALIDADE

O triunfo da Imortalidade depende exclusivamente do triunfo do Espiritismo, porque é esta a única Doutrina que se bate pela Imortalidade, demonstrando-a com fatos exclusivamente espíritas, de aparições e manifestações dos pseudos-mortos, encarregados de provarem a continuidade da existência do Além.

E no dia em que a Imortalidade triunfar, a luz brilhará nos âmbitos da Terra, trazendo a Paz e a Fraternidade e estabelecendo nela o Reino de Deus.

L. B.

A VERDADE QUE ABALA O BRASIL

Arigó Operou a Cabeça do Marujo Epiléptico da Marinha de Guerra

Depoimento da neta do Barão de Queluz – Fazendeiro operado de cancer na vesicula – Tio do ex-primeiro ministro Tancredo Neves curado de asma – Delegado de polícia operado no rosto com canivete

CONGONHAS DO CAMPO, 6 (De Moacyr Jorge, enviado especial dos Diários Associados). Já fomos alertados do novo golpe que pretendem dar os perseguidores de Arigó. Na impossibilidade de destruirem a verdade — êles sabem que nós temos dois films de televisão e fotografias, cujos negativos podem ser submetidos a qualquer exame pericial — procuram, agora, tentar que um inimigo de Arigó venha fazer declarações desairosas contra o médium. A tentativa já foi feita e nós a denunciamos de público. Vamos aguardar os acontecimentos. Mas, desde já ficam avisados os perseguidores, já foram tomadas tôdas as providências para processar criminalmente todo aquêle que caluniar, ou apresenta provas de que disser ou é processado. A brincadeira tem um limite. Com essas calúnias não destruirão a verdade. Estamos bem preparados para enfrentar os caluniadores, Anselmo Meinders e Vieira de Araujo.

«Serei testemunha de «Arigó»

Iniciando a série de depoimentos idôneos, a reportagem «Associada» ouviu a sra. Maria Conceição Baeta Neves, de 70 anos de idade, residente em Congonhas há quarenta anos. E' neta do Barão de Queluz, e de família tradicional em Minas Gerais. Disse-nos:

— «Não sou espírita. Nem por isso deixarei de dizer a verdade. Arigó deveria ser respeitado não só por congonhenses, mas por todos os brasileiros. Se êle não é enviado de Deus, é um super-gênio. Conheço uma mulher de Itabirito (cidade localizada na estrada que vai a Ouro Preto) que foi operada de cancer no útero há vários anos atrás e está amplamente curada. Se fôr preciso irei buscá-la para depor em favor desse homem bom e piedoso que é José Arigó. Não se justifica a perseguição que movem contra êle. Não faz mal a ninguém. Ao contrário, da todos os seus momentos de folga para os doentes e necessitados, sem cobrar dez centavos, disso são testemunhas várias pessoas que eu conheço.»

Também assistiu a operação

João Coelho, de Congonhas do Campo, com 53 anos de idade, comerciante, não poderá negar que assistiu a uma operação. Consta o seu nome nos apontamentos do médico carioca Ladeira Marques. Nessa ocasião José Arigó estava em transe, recebendo o médico alemão Dr. Fritz, quando abriu a região abdominal com um bisturí para operar uma mulher residente em Belo Horizonte, que estava acometida de apendicite supurada. E João Coelho nesse dia disse ao médico Ladeira Marques:

— «Quando vi a mulher com as tripas para fóra eu quis fugir, porque não aguentava assistir, mas a porta estava trancada a chave.»

Operado duas vêzes

João Carlos Pimenta, de 73 anos de idade, fazendeiro no município de Pitangui, declarou à reportagem o seguinte:

— «Em agosto de 1957 vim a casa de Arigó em companhia do vice-prefeito de Cambuquira, que é médico. Arigó me operou de cancer na vesícula e marcou uma segunda operação para ser feita dali trinta dias. Fui operado deitado no assoalho. Arigó salvou a minha vida. De 84 quilos que eu tinha normalmente já havia chegado a 60 quilos. Depois de operado voltei no mesmo dia para a minha casa e voltei 30 dias depois para a segunda operação, quando êle me retirou um segundo tumor. Estou completamente curado. Se

fôr chamado a depor em favor de Arigó farei com o maior prazer. Abaixo de Deus devo a êle a minha vida».

O sr. Antonio Carlos das Neves, tio do ex-primeiro ministro da República e atual deputado federal por Minas Gerais, declarou à reportagem «associada»:

— «Eu sofria terrivelmente de asma. Passei por quase todos os médicos especialistas de Belo Horizonte. Tinha uma falta de ar insuportável. Sou farmacêutico formado pela Escola de Farmácia de Ouro Prêto e já havia experimentado de tudo. Um dia vim a negócios em Congonhas e falaram-me nas curas de Arigó. Entrei na casa onde havia muita gente. Fui tratar dos negócios e mais tarde fui consultá-lo. Deu-me uma receita e estou completamente curado. Prestarei depoimento a favor de José Arigó. Conheço muita gente curada por êle que não se negarão a defendê-lo nêsse processo injusto.»

Delegado de Polícia operado

Em companhia do reporter de «O Cruzeiro» José Franco, a reportagem foi à residência do advogado Aymoré de Souza, atual delegado titular de polícia da cidade de Sete Lagoas, que prestou o seguinte depoimento:

— «José Arigó é um caso muito sério que deveria ser estudado por cientistas. Eu estava com um tumor no rosto. Procurei a Santa Casa de Conselheiro Lafaiete para operar o tumor mas faltava anestésico. Disseram-me que Arigó operava com a maior facilidade e eu a princípio não acreditei. Mas, os meus amigos insistiram e eu fui a Congonhas. Lá chegando, Arigó sem anestesia alguma, apanhou um canivete e cortou o tumor. Não senti a mínima dor, nem houve infecção. Podem ver que nem cicatriz ficou. Estou disposto a depor em seu favor, nesse processo injusto que movem contra êle».

O médico João Ranulfo de Mello, que pertencia ao Departamento Médico da Companhia Siderúrgica Nacional e hoje presta seus serviços ao IAPETEC, declarou:

— «Certa noite José Arigó convidou-me para assistir aos trabalhos em sua casa. Meio descrente comparecí. Qual não foi a minha surprêsa quando o dr. Fritz disse-me: «O senhor vai ajudar-me a operar esta mulher. Tome o bisturí. Eu sou médico, mas não sou cirurgião. Com o bisturí na mão e o dr. Fritz segurando meu pulso fizemos três aberturas na região abdominal, tendo o próprio dr. Fritz retirado o tumor, colocando-o num frasco para ser depois levado para biopsia. Confesso que fiquei maravilhado. A mulher não fez a mínima reação de dôr, nem os cortes provocaram hemorragia. Já prestei depoimento em favor de José Arigó no processo de 1958 e voltarei a fazê-lo tantas vezes quantas forem necessárias. A meu ver êle deveria ser motivo de estudos científicos e não perseguido e processado injustamente como se o cárcere pudesse solucionar e exterminar êsses fenômenos.»

Jornalista Goiano

Wilson da Paixão, secretário da Justiça de Goiás e o jornalista João Friedmann foram à residência de Arigó pedir uma receita para um sacerdote daquele Estado que estava gravemente enfêrmo. Arigó não deu receita dizendo que o «caso está liquidado». É tarde demais». Durante a visita o jornalista João Friedmann declarou:

—«Eu encontrava-me com cancer, fato que poderá ser comprovado com vários exames e atestados médicos. O cancer estava localizado no pâncreas. Já não tinha condições físicas para viajar. Arigó mandou-me uma receita e estou completamente curado. Comecei a tomar os remédios por êle indicados em 15 de novembro de 1961. Não tenho mais nada. Prestarei depoimento em favor de Arigó e juntarei provas.»

Operado do Estômago

Joaquim Gonçalves da Cruz, de 35 anos de idade, empregado da Mina Itacolomi S./A., residente em Conselheiro Lafaiete (Minas Gerais) declarou à reportagem «associada»:

— «Fiquei em tratamento no IAPETC durante muito tempo. Tinha úlcera no estômago e não havia remédio que me curasse. Um dia me falaram no Arigó. Sendo católico recebi a notícia com alguma descrença. Mas, como eu estivesse mal não custaria tentar. Foi o

que fiz. Devo dizer que já não conseguia me alimentar. Falei com Arigó e êle me operou, sem que eu sentisse dor ou que me causasse hemorragia. Estou completamente curado. Posso mostrar com inúmeras radiografias que eu tinha úlcera e hoje nada sofro. Posso tirar chapa para provar no processo».

Chefe de Polícia operado

Rogerio Machado, ex-chefe de Polícia de Belo Horizonte estava mal, com úlcera no estômago. Vários investigadores foram à sua casa alta noite e resolveram ir buscar Arigó em Congonhas. Arigó atendeu ao pedido e rumou para Belo Horizonte. O sr. Rogerio Machado foi operado e ficou completamente curado. Há testemunhas dêste fato. Êste foi o único que se recusou a prestar depoimento quando do primeiro processo em 1958, alegando:

— «A minha condição social não me permite o envolvimento nêsse processo».

Não era cancer

D. Yolanda Giordani Alonso, residente em Anápolis, Goiás, à rua Amazonas, 952, declarou o seguinte:

— «Minha filha Maria do Carmo Alonso estava com 14 anos. De repente adoeceu. Tinha fortes dores na cabeça. Dores horríveis que nem sequer a deixavam dormir. Procurei vários médicos sem nenhum resultado. Levei-a para a Capital do Estado, e lá em Goiânia um médico me disse que ela estava com cancer no cérebro. Adiantou ainda que eu deveria levar a menina para São Paulo para operar, mas que da operação poderia resultar paralisia, cegueira, debilidade mental e não sei mais quê. Desesperada já me aprontava para viajar para São Paulo e fazer a tentativa de operar. Quem sabe se tudo que o médico dissera não estava certo. Uma amiga, porém, aconselhou-me a trazer a menina a José Arigó. Essa amiga, Maria Cândida de Almeida, já havia estado em Congonhas e obtivera a cura. Foi o que fiz. Quando cheguei aqui na Casa de Arigó, êle me disse e eu confesso que fiquei surprêsa: «A menina não tem cancer coisa nenhuma. Ela teve suspensão de menstruação e vai ficar curada». De fato era isso mesmo e a menina está completamente boa, já faz quatro anos. Se preciso fôr irei depôr em favor de Arigó e juntar os documentos de prova. Se tivesse ido para São Paulo a menina hoje estaria inutilizada, por um cancer inexistente».

Operada de cancer na vesícula

Êste depoimento é do dentista Carlos Cruz, com consultório na avenida Afonso Pena, 952, em Belo Horizonte. Êle é um frequentador assíduo da casa de José Arigó:

— «Assisti a várias operações impressionantes em casa de José Arigó e tenho um testemunho na própria família. Minha cunhada adoeceu e foi levada a vários médicos. Alguns não sabiam o que era. Mas um deles acertou em cheio: era cancer na vesicula. Disse que minha cunhada não teria muito tempo de vida. Em face disso levei-a a Arigó. Êle operou o cancer e minha cunhada está completamente curada. Nem cicatriz ficou. Não sentiu dor nenhuma durante a operação. Também prestarei depoimento em favor de Arigó comprovando não só êste mas outros casos impressionantes de cura».

Desembargador curado

Aquí está o depoimento do jornalista «All Right», do Correio da Manhã do Rio, na edição de 6 de junho de 1958. Hoje o jornalista é também colaborador dos «Diários Associados».

— «José Arigó declara-se assistido por Frei Fabiano de Cristo e diz ter como seu operador, na hora da incorporação mediúnica um doutor Fritz, famoso cirurgião germânico falecido há mais de cem anos. O fato é que tem conseguido sucesso. Que digam os sábios da Escritura, que segredos são êsses da natura? (Camões). Leio, agora, em o Município, de 31 de dezembro de 1957, jornal de Guaratinguetá, Estado de S. Paulo, o depoimento de Justino Monteiro que foi a Congonhas ver tudo de perto. Viu e convenceu-se. Viu inclusive, dois ricos baianos que, com as espôsas curadas, entregaram a José Arigó dois cheques de 500 e 200 mil cruzeiros, respectivamente, havendo Arigó devolvido imediatamente a dádiva expressiva dos milionários. Tenho, também, a opinião

do desembargador Alfredo de Castro Silveira, residente no Rio de Janeiro, na rua Djalma Urich, 274, que em carta declarou-me entre outras coisas o seguinte: «Fui atraído pela curiosidade a Congonhas do Campo. Vi José Arigó, católico, apostólico, romano, humilde funcionário público, simples e bom, a todos atendendo abnegadamente e desinteressadamente, fazer, em estado de transe (inconscientemente) em um dia, mais do que muitos médicos em um ano: operações na cabeça, no coração, no estômago, no figado, nos rins, nos olhos e na bexiga. Vários médicos assistiram e até se operaram, como também padres ali se têm operado. Um sacerdote de Roma, de passagem por Belo Horizonte, ouvindo falar em Arigó foi procurá-lo. Operado saiu bom em cinco minutos. Regressando a Roma enviou um autógrafo do Papa PIO XII e um rosário de prata dentro de uma «trousse» igualmente de prata».

Aí está o depoimento de um desembargador que escreveu ao jornalista «All Right». Outros jornalistas foram a Congonhas e viram de perto os fenômenos. Entre êles, Indalécio Wanderley e Ubiratan Lemos, da Revista «O Cruzeiro». Contou-nos o jornalista Flavio Porto, irmão do Sergio Porto conhecido por «Stanislau Ponte Preta, que também esteve em casa de Arigó em companhia do jornalista de «O Cruzeiro», Luiz Carlos Barreto. Viu e ficou maravilhado.

Marinheiro operado na cabeça

Newton Gomes Lopes, era marinheiro da Marinha de Guerra e reside atualmente à rua Esmaltina, 54, no bairro de Santa Thereza, em Belo Horizonte. Êle prestou o seguinte depoimento aos «Diarios Associados»:

— «Aos 18 anos fiz exame para ingressar na Marinha e dado como apto, na Capitania dos Portos de Santos. Aprovado, segui para o Rio de Janeiro, ficando alojado no quartel da ilha das Enxadas. Dali segui para o tender «Ceará», a fim de prestar curso de rádio-escuta em submarino. Começou aí o meu drama. Estávamos em guerra no ano de 1943. Sofri uma agressão quando estava em serviço num submarino que passava nas proximidades da Baía da Guanabara. Perdi os sentidos e a memória (amnesia) Passei a ter ataques de epilepsia segundo sei agora. Levaram-me para o Hospital Central da Marinha, ilha das Cobras. Aqui está o diagnóstico da Diretoria de Saude da Marinha: «Newton Gomes Lopes, ficha 622, de côr parda, procedente do tender «Ceará» com ataque epiletiforme. Ficou em seguida hemiplégico direito. A radiografia do encéfalo acusou tumor na frente parietal esquerda. Em 13 de setembro de 1944, foi operado no crânio (cranioctomia), resultando em seguida ataques epiléticos com mais frequência. «Eu tinha, segundo dizem os meus pais, em média 30 a 40 ataques por dia. Era quase um atrás do outro. Tinha que ficar preso na cama, para evitar acidentes. Em 1956, eu piorei e os meus pais me levaram ao Arigó que me operou na cabeça no mesmo lugar que os médicos da Marinha tinham operado. Dêsse dia em diante não tive mais ataques, recuperei a memória e hoje sou funcionário do SENAI aqui em Belo Horizonte. Já casei e tenho dois filhos».

Êste depoimento foi assistido pelos reporteres de «O Cruzeiro», José Franco e Luiz Alfredo, da Sucursal de Belo Horizonte.

N.R. — As pessoas curadas devem escrever com urgência a Arigó contando detalhes da cura. Escrevam dando o nome e endereço, cidade e Estado em que residem. Há muita gente curada em São Paulo, Minas, Paraná, Rio de Janeiro, Bahia, etc. José Arigó continua atendendo de segunda às sextas-feiras.

(Do «Diário de S. Paulo», de 8 de março de 1963).

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Carta para o Além

ANGELO WATSON CAMPÊLO

Amigo.

Sua partida para a outra existência, onde as plagas são diferentes da nossa planície pecadora, não me causou nenhuma surpresa, pois, há tempo sabia das suas malas prontas para a viagem sem fim.

Contudo, a Vontade Soberana do Eterno, podia te-lo feito demorar um pouquinho mais entre nós, aqui dêste lado da vida material, onde a chamada felicidade terrena, consiste na amargura, no sofrimento e na dor.

Embarcas-te sem mais responsabilidade do lado de cá, feito viajor de jornada perene, e com passagem sem retôrno, para êste vale de angústias, todo recalcado de ilusões, tristezas, penas, e de quando em vez, alguns resquícios de esperanças natimortas.

Sua diligência funérea, correndo com a celeridade das parcas inexoráveis, atravessou os ares e mares da zona sideral, para tomar o Caminho dos Justos, e aportar nos páramos da sua merecida Glória Espiritual.

Sua viagem infinita, sob a égide dos bons atos praticados na terra, não terá pela frente, estradas errantes, ou abrolhos capazes de tolher-te os passos, impedindo-te os direitos objetivos, conquistados na trilha do Bem terreno, com o testemunho da honra e da dignidade humana.

Ungido que foste pelos conselhos do tempo e da idade, soubeste assinalar com a marca do «HOMEM DE BEM» os teus feitos apreciáveis, quando em trânsito por êste pobre mundo dos vivos, inquieto e incurável na sua longa e cicatrizada enfermidade moral.

Seus cabelos poucos e brancos, como a neve dos invernos, que vieram cobrindo de primavera em primavera, todo o esplendor da juventude, e os sonhos da vida galharda, bem representaram, as esperançosas primícias de quem «não passou a vida em branca nuvem», atravessando de lado a lado tôda uma existência, trabalhando sem parar, com uma abnegação digna do Céu.

Seu espírito sempre jovem e sua marcante humildade, trazem em mente, a bondade e benevolência dos peregrinos, que nascem e morrem consumados pelo Bem.

Nem sempre o deletério da morte, consegue destruir a beleza da alma (ou do espírito), quando bem forjada na tenda do gênero humano, para as glórias da vida e bemaventuranças do eterno.

Angêlo Watson Campêlo, que não é um anônimo na agenda do Senhor, pertence à leva dos que muito fizeram, pela conquista dos triunfos espirituais e disputa dum lugar condigno diante da Divina Potestade de Deus.

Disseste um dia: — La vita non muore, perche é fatta di spirito!...

Não fui teu profitente, meu amigo, e creio na alma.

Mas é bem possível que «a vida não morra», mesmo com o «espírito» da sua crença, pois, a vida nunca morre porque, os bons, a fazem imortal perante Deus, e tu és testumunho dessa verdade.

Agora longe das vaidades da espécie humana que deixaste num prolongado adeus, e assentado no patamar do descanso e da paz dum melhor reino, que não pertence a ignomínia de um reino com «homens feitos a semelhança de Deus», certamente descantarás a verdadeira felicidade que, em regra geral, nasce com a Morte!

Como vê, não me esqueci do distinto amigo, e numa linguagem diferente, que vai da vida para a morte, procurei dizer-lhe numa distância do outro mundo, tudo o que lhe teria dito nêste lado da existência como preito de amizade e gratidão.

Paz!

Januário Groppa

Matão, Março de 1963

Transcrito de «A Comarca»

Os dias e as noites são como as nossas vidas terrestres e espirituais, e o sono parece tão inexplicável quanto a morte. O sono e a morte transportam-nos alternadamente para meios distintos e para condições diferentes, o que não impede à nossa identidade de se manter e persistir através dêsses estados variados. — LEON DENIS

Dinâmica e Fins das Mocidades Espíritas

Natalio Ceccarini
(Lomas del Palomar)

AINDA são muitos os que opinam, baseando-se na eloqüente lição da história, que o homem permanece sempre igual, moral e espiritualmente, que não avança, que é idêntico a aquêle outro primitivo que habitou as cavernas nos albôres da humanidade terrestre. Não se distingue do primeiro cujos vestígios são ainda encontráveis em certos lugares do planêta. Afirmam que, tão sòmente sob o império do mais forte e regido pela lei da selva, êle se movimenta. Entretanto, discordamos dos que assim pensam e julgam, e antes cremos que nasceram, viveram e envelheceram ignorando sempre que a Terra, como astro em idade cósmica e universal, recém abandona seu período de infância e ingressa no da juventude.

O homem, espírito que é, individualmente, não permanece estacionário pois que isso supôr é desconhecer a evolução de todo o existente, lei essa a que êle também está sujeito. A história parece repetir-se, mas os protagonistas mudam e, mercê de nosso aguçamento filosófico e espiritual, nos é dado saber que a cada estádio humano correspondem índices evolutivos e morais do homem, índices êsses que podem aparentemente oferecer em seu conjunto um estacionamento no processo de desenvolvimento e ascensão; mas, consideradas em particular, as grandes personalidades em diferentes âmbitos de atuação e de influência, são provas de que o avanço existe e que estas são as fôrças impulsoras e orientadoras na modificação moral e espiritual das sociedades planetárias. Esta certeza nos faz compreender que a Terra deixou a infância cósmica, e que, sôbre sua face, já não vemos homens como os que caracterizaram os das cavernas e, se bem existam ainda povos primitivos, em comunidades muito reduzidas, proporcionalmente à população do globo, são crianças espirituais que, ao entrar em relação com os demais povos, serão absorvidos por êles e entrarão na aspiral de sua ascensão anímica.

Por isso asseveramos que nossa humanidade, em correspondência com seu habitáculo terrestre, está na juventude, e corre após a essa madureza que possibilite sua realização espiritual em plenitude, a traduzir-se em um mundo melhor, mais harmônico, mais fraterno, altamente espiritualizado. Aquêles que assim não vêem, não compreendem, não intuem, vivem em decrepitude e evidenciam sua lentidão evolutiva pelo pessimismo que os distingue, no deprimido conceito de quanto existe e ocorre.

Tôda essa cultura senil que ainda impera e pressiona em nosso mundo, maleando condutas, mantendo estruturas de injustiças e de privilégios, de separatividade e egoismo, é, fora de dúvida, produto dêsse modo de pensar caduco, que resiste a todo o processo progressivo, afinado com o que é e deve ser o ritmo próprio do Espírito, tornando-o às avessas, arrastado, com o pêso da matéria que é o seu símbolo.

Aquêles que transcenderam êstes esquemas e estes limites, que se rebelaram contra êles, que conceberam formas e meios diferentes, impulsores de evolução e entendimento, são os que, a rigor, vivem em juventude de mente e espírito e nivelados com a idade do planeta, trabalhando para que se cumpra seu destino, qual seja o de ser um mundo de bem, de justiça e de amor.

Na hora que corre, um novo Saber vem elucidar o espírito do homem, iluminar-lhe o caminho e provê-lo de elementos para a sua ascese moral. Êsse saber, que é um Ideal de Vida, de Verdade, de Bem e de Amor, é o Espiritismo, um saber que não é produto da mente especulativa de nenhum homem, mas revelado pelos Espíritos através de uma multidão de fatos e tôda uma variedade de modos de manifestação. O homem descobriu nesses fatos a demonstração de uma verdade que permaneceu oculta por milênios ao largo de seu aprendizado evolutivo. Intuiu-a os profetas, os mestres, os reformadores, os filósofos e os visionários, mas apenas se concretizou objetiva e inquestionàvelmente no fenômeno espírita. O

homem se descobriu a si mesmo como Espírito pela revelação dos Espíritos através do fenômeno mediúnico. E alcançando-a, êste saber, iluminado, assume para êle a categoria de um Ideal de luta e de libertação.

Assim é que o Espiritismo se edifica sôbre o verdadeiro conhecimento da vida, da vida eterna, única e verdadeira. A morte não existe mais, pertence ao ancestral anímico e histórico da humanidade em seu período de infância. E' porém, patrimônio dos que nasceram e viveram velhos, desconhecendo o tempo jovem do planeta e continuam a pensar que o mundo permanece igual e que o homem se repetirá sempre. Tal repetição implica em continuar incorrendo nos mesmos êrros, sustentando as mesmas estruturas, movendo-se pelos mesmos apetites, alentando os mesmos sentimentos egoístas.

* * *

Dentro dêste Ideal de Vida que é o Espiritismo e a cuja luz tantas almas se esclarecem e fortificam, encontrando segurança e capacidade para lutar e vencer, vemos surgir em nosso presente, por tôda a parte, um movimento claro, nítido, pujante, férvido, esperançoso, que são as juventudes espíritas.

Estas juventudes espíritas não são jovens apenas pela idade física que distingue os seus componentes, mas antes por que agrega almas em tom com o tempo planetário que é de juventude. Elas encarnam esta etapa terrenal e assim vivem, sentem, sonham e se movimentam. Seu alento vital é, sobretudo, querer servir e construir um novo homem e um novo mundo.

As juventudes espíritas se caracterizam por uma dinâmica arrancada do amor, da fé, da renúncia, da consagração, na fôrça do Ideal. Os fins que procuram e agitam todo o seu sêr anímico e que é o fogo de sua paixão e entrega, é promover uma sociedade melhor, moral e espiritualmente, onde reine a fraternidade, a justiça, a virtude e a verdade.

Não podem ser outros os motores que impulsionam estas juventudes quando elas se constituiram na espinha vertebral de um Ideal de Vida, de Amor e de Luz advindo das Alturas, trazido pelos Mensageiros Invisíveis a serviço dos desígnios de Deus, em função planetária, que são os de conduzir as humanidades da fase da infância que deixaram para atrás, à da juventude em que se encontram, e desta à fase adulta e de madureza implícitas à concretização de sua razão de existência: ascenção espiritual.

As juventudes espíritas crescem por tôda a parte. Os jovens chegam atraídos pela luz refulgente dos princípios espíritas e, tocados por êles, sentem a inspiração de um amanhã venturoso. E sabendo-se protagonistas e responsáveis pela sua construção, querem ser os obreiros da última hora. E se unem, estreitam vontades, reafirmam sua fé, tonificam suas energias, vivificam suas esperanças.

* * *

Vida, luta, serviço, entrega. Seu Ideal Superior é de justiça, de paz, de fraternidade e progresso. Tal é a dinâmica das juventudes espíritas. Superar formas, esquemas, estruturas; criar, edificar, levantar, fazer. E' inegável! Escorar é querer manter o que cai, o que deve desocupar um lugar, o que morre. Construir é dar forma a sonhos, concretização aos ideais, altitudes ao que teve bases mas não teve alturas.

Construir um mundo novo, erigido por homens novos, moral e espiritualmente, é o fim essencial das juventudes espíritas, efetuando a provisão de odres novos para o novo vinho, no sentido simbólico da parábola de Cristo, entender o significado espiritual do existente e captar o rítmo do tempo que vive o planêta, tempo de juventude, trânsito para a madureza que possibilita as grandes realizações das humanidades terrestres.

O jovem espírita por sê-lo assim, só pode movimentar-se, mover-se, impulsionar-se, resolver-se, decidir-se, atuar em função e em missão da luta edificante, da entrega total em favor da verdade, das métas de justiça e reencontro fraterno, despertar o Amor, alcançar a Luz, reconhecer a Deus, «élan» vital que traçará seu caminho e sustentará sua marcha.

* * *

As juventudes espíritas deram forma à esperança que sonham nesta hora

planetária apesar dos cantos lúgubres dos que viveram velhos e sem amanhã, das declamações dos que se mantiveram escravos dos dogmas sociais, espirituais e culturais, de quantos serviram a esquemas que travaram o vôo ascensional do homem e se comprazeram em ampliar as sombras, mesmo sabendo que elas não têm existência real. Apesar de todos quantos querem sustentar que o mundo não avança, que o homem permanece igual, que a história se repete, apesar de todos êles, juventude espírita, o planêta é vosso e isto quer dizer que estais a trabalhar pelo nascimento de um mundo novo e que não haverá intenção nem poder que possam já deter-vos.

Se Colombo descobriu um continente ignorado, mas que existia desde sempre, hoje, na idade jovem da terra, as juventudes espíritas como Colombos do Espírito, haverão de descobrir diante dêsses que permanecem cegos e surdos, êsse novo mundo de paz, de amor, de bem, de espiritualidade.

Não outra é para mim a dinâmica, e não outros os fins que identifico nessas juventudes espíritas, pois que, nelas confio, se objetivarão os sonhos e as esperanças de quantos compreenderam os ensinamentos dos Espíritos e jamais deixaram de viver na juventude.

Sejam elas cumpridoras de tão alto destino !

Serões Bíblicos - XI

Redator: LUIZ CARAMASCHI

Do 4.° ao 6.° Dia da Criação

No outro dia, Lumbaio permaneceu na cama até tarde, visto ter-se deitado muito depois da meia noite, pois essa era a hora em que começavam seus «trabalhos» espíritas. Êle agia com extrema cautela, sem pressa, dando tempo a que seus crendeiros lhe assimilassem bem as sugestões. Arrancar o dinheiro aos tolos é fácil, porém, perigoso; era preciso afastar o perigo, e o jeito seria tornando-os ainda mais atoleimados. Esperava, portanto, que seus crentes se tornassem totalmente fanáticos, para não ter quem o denunciasse, de repente, à polícia. E quem trabalhara tanto, e até tão tarde, tinha o direito de refazer-se, ficando mais tempo na cama.

Chilon já tomara seu banho de mar, pela manhã, em companhia de Árago, e com êste andara jogando tarrafa nas praias. Mas quando Árago o convidou para ir conhecer como é feita a pesca em alto mar, êle pediu para adiar o passeio, dizendo precisar encontrar-se com Lumbaio, após o almôço, na pensão.

— Está bem, disse Árago. Vá ter com Lumbaio, e depois me conte como a discussão se desenvolveu.

E assim os dois amigos se despediram, tornando Chilon à pensão. Após o almôço, foram, Chilon e Lumbaio, para o quarto dêste, e aí reiniciaram o que ficara interrompido no dia anterior. Chegados ao quarto, e depois de sentados, Chilon na cama, e Lumbaio numa cadeira, falou êste por primeiro, tendo já a Bíblia aberta no Gênese :

— Ontem ficamos parados nêste ponto, onde eu dissera : Visto que o Sol só foi formado ao dia quarto da Criação, em tôrno de que centro girava o nosso sistema planetário até então ?

— Diga-me, Lumbaio : você sabe o que seja uma galáxia ?

— Sim, sei ; é um turbilhão de estrêlas.

— Isso você respondeu bem , e em tôrno de que centro giram os turbilhões, os vórtices, os torvelinhos, que tudo são sistemas centrífugos-centrípetos, ou perturbações do meio, os quais se deslocam pelo espaço de um lugar para outro ? Você sabe que não é o ar que se desloca nos redemoinhos, mas apenas o efeito ; um ciclone formado sôbre o golfo do México pode varrer a California ; não é o ar do golfo que se desloca para a California, mas o efeito-ciclone. Nos remoinhos aéreos e aquáticos você tem um exemplo do que fa-

lo. Em tôrno, pois, de que centro giram os vórtices ?

Lumbaio embatucou, por um pouco, vendo que Chilon o forçava, pelo método socrático, a responder-se; porém, não teve outra saída senão dizer:

—Em tôrno de um eixo de fôrças, invisível, porém, que existe como energia.

—E um sistema planetário, retrucou Chilon, ao formar-se, não é, também, um turbilhão menor a girar dentro dum maior, que é o galáctico ?

—Sim, fêz, Lumbaio, com a cabeça.

—Logo, arguiu Chilon, em tôrno de que centro girava o nosso sistema planetário na época da sua formação ?

— Acho que, então, replicou Lumbaio, em tôrno de um centro de fôrças, de um núcleo de energias radiantes que ainda não eram o Sol formado, mas, formando, ou seja, ainda, o Sol informe.

— Viu ? acudiu Chilon : você mesmo se respondeu... Considere ainda que grande parte das estrêlas são gasosas, isto é, em formação, e só por isso visíveis, e compreenderá que o sistema planetário solar se condensou em globos planetários antes de o Sol formar-se, e ainda hoje, nêle, não há nenhuma parte sólida.

Depois de fazer uma pausa para pegar um livro, concluiu Chilon :

— A mais recente teoria sôbre a formação dos sistemas planetários é a esboçada pelos matemáticos inglêses. Partem êles do princípio de que a metade das estrêlas formam sistemas duplos, onde corpos (às vêzes um frio e escuro) giram em tôrno de um centro de gravidade comum. O Sol teria sido um sistema duplo dêsses, em que, como é comum acontecer, a estrêla irmã, de material mais denso, explode. A estrêla rebentada forma um anel em tôrno da outra, o qual se fragmenta em pedaços, cada um dos quais se torna planêta. «Assim se explica que nos planêtas se encontrem elementos mais pesados do que no Sol; que os planêtas oriundos de um anel rodopiante girem mais ràpidamente do que a sua «estrêla materna», que nem é sua «mãe» e sim sua «tia», a irmã da mãe morta. O Sol não é nossa mãe e sim nossa nutriz. Nossa mãe morreu e nos deu à luz moribunda. Esta é a lei das estrêlas : a mãe moribunda desfaz-se em filhos e êstes giram em tôrno da irmã que fica». (Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 146 e 147).

Fechou o livro, Chilon, mantendo ainda o dedo dentro dêle para marcar a página. E como estava em pé, pois se tinha levantado para pegar o livro de sôbre a mesa, andou até à janela a fim de espiar o mar distante, onde balançavam umas barcas de pesca. E sem se sair de onde estava continuou falando:

— Se esta teoria fôr verdadeira, a Bíblia está certa e o sistema planetário não só é mais velho, senão que contém material mais evoluído e pesado que o do Sol, no qual faltam os grandes átomos, sobretudo os radioativos. Ou Moisés era gênio ou era profeta : se era gênio sua mente alcançou esta verdade por intuição; todavia se era profeta, então a verdade lhe viera por inspiração das esferas mais altas. Em qualquer dos casos é admirável que a Bíblia tenha declarado que a Terra foi criada antes do Sol. E mesmo depois de o Sol criado, não era visível, por causa de tôda a água planetária estar suspensa no espaço como vapôres. Suponhamos que até o dia quarto a Terra fôsse, como hoje é Venus, totalmente coberta por nuvens espessíssimas ; os nossos dias chuvosos nos dão uma pálida idéia de como seria se tôda a água terrestre estivesse em suspensão na atmosfera. Esfriada a Terra, cairam as chuvas e os mares se formaram. Dissipadas que foram, totalmente, as nuvens, o Sol, e a Lua e as estrêlas, já criadas no princípio, puderam agora ser vistos.

—Vistos por quem ? atalhou Lumbaio.

— Ora essa ! Visto por quem, como Moisés, se supusesse estar na superfície da Terra em tal época, pois é em função dos terrícolas futuros que a descrição é feita. Se nunca ninguém foi à Lua, como é que se imaginam quadros vistos da Lua ? Nós, com nossa imaginação, podemos estar em qualquer parte e em qualquer tempo, porquanto a consciência está para além dessas dimensões ; por isso Moisés se sentiu na superfície da Terra nessas prístinas eras ao descrever os acontecimentos.

Crônica Estrangeira

O «COFRE-FORTE» DO VATICANO

Do «*Diário de Lisboa*», transcrevemos na íntegra, sem comentários:

«Segundo revela o escritor Jean-Jacques Thiesry, as finanças do Vaticano são geridas por uma administração especial dos bens da Santa Sé, estabelecida em 1929, para fazer render o milhão e meio dado por Mussolini. O capital entregue pelo Duce eleva-se agora a quinze milhões de contos. Está depositado na Itália, no Crédit Suiço, em Genebra, no Hambro's Bank de Londres e no Bank Morgan, de Nova York.

«Para as suas operações financeiras, o Vaticano dispõe de três bancos: Banco Comercial de Itália, Banco do Espírito Santo e Banco de Roma.

«O famoso *juro de S. Pedro* recebido todos os anos em 29 de junho equivale a uma média de 350 mil contos, destinados a fazer face às despesas correntes da Santa Sé».

CONVERSANDO COM SEU PRÓPRIO FANTASMA

De «Reformador»

Eliza Orzeszko é uma das maiores glórias da literatura mundial. Viveu na Polônia, de 1843 a 1910.

Em seu excelente romance «Marta», que teve a honra de ser traduzido para o Esperanto pelo Dr. L. L. Zamenhof e que assim se tornou um dos clássicos da língua internacional, narra ela a dolorosa situação de uma pobre mulher nascida na melhor sociedade varsoviana, onde viveu feliz até aos 24 anos, mas ficou viúva pobre e sofreu horrores até à morte violenta, debaixo de um bonde.

Marta era de moral irrepreensível e de fina educação social: ficou viúva com uma filhinha de quatro anos e não se pôde adaptar a nenhuma profissão: tôdas as tentativas neste sentido lhe falharam, porque não tinha qualquer educação profissional. Todo o seu cabedal de conhecimentos era apenas para ornamentação de salões, e isso não basta como meio de vida.

Em plena miséria, numa água-furtada, está ela meditando junto à filhinha condenada à fome e discute consigo mesma. Leiamos na página 104:

«Diante dela, flutuando no espaço vazio, achava-se uma figura de mulher com mortal angústia no rosto, com o rubor da vergonha na fronte, com as mãos entrelaçadas. Era a sua própria figura, refletida no espelho de sua imaginação.

«Então és tu — dizia Marta mentalmente ao seu fantasma que nascera de seu próprio espírito—, então és tu aquela mesma mulher que tão heròicamente prometeu a si mesma e à sua filhinha trabalhar, por sua perseverança e energia varar caminho entre os homens e conquistar um lugar ao sol? Que fizeste, pois, desde o tempo em que tomaste essas resoluções? Como cumpriste a promessa que fizeste das profundezas de teu espírito à sombra querida do pai de tua filhinha?

«A figura de mulher começou a oscilar no ar como um ramo flexível sacudido pelos vendavais; em vez de qualquer resposta, ela bateu mais fortemente as mãos uma contra a outra e murmurou com lábios trêmulos: — Eu não tinha aptidões! Eu sou uma ignorante!

«O' criatura inepta! — exclamou Marta de si para si — és assim digna do nome de ser humano, se tua cabeça é tão néscia que não sabe bem o que pensar de si mesma, se tuas mãos são tão fracas que não podem resguardar com seus desvelos nem a cabecinha minúscula de um pobre criança! Porque então te estimavam outróra? Poderias agora estimar-te a ti mesma?

«A figura de mulher descruzou as mãos e com elas cobriu o rosto que se curvou profundamente.»

Há dêsses momentos em que o Espírito olha objetivamente e julga com

severidade seu corpo, sua personalidade humana, tão diferente do seu ideal eterno.

Mais adiante, na página 220, a Autora descreve a cena tétrica da meninazinha exânime, sem tratamento, que num delírio, estendendo os bracinhos para o espaço vazio, para o pai que morrera um ano antes, exclama: «Papai! Papai!», gemendo, sorrindo e rogando socorro. Esta cena é realmente espírita e de fatos semelhantes tratou Bozzano em «Aparições no Leito de Moribundos».

Repitamos: «Marta», de Eliza Orzeszko, é uma das obras imortais da literatura universal, tendo-se, por felicidade, tornado obra clássica do Esperanto, estudada em todos os países.

Do ponto de vista social, a educação da mulher progrediu muito depois do tempo em que Eliza Orzeszko escreveu êsse livro de combate aos defeitos de nossa civilização contra o sexo feminino. A mulher hoje freqüenta escolas profissionais, aprende a trabalhar, a ser econômicamente livre, e não uma eterna criança indefesa ou escrava, como era há um século.

A autora de «Marta» foi uma das preparadoras da sociedade futura.

Lino Teles

Espiritismo no Brasil

ATIVIDADES ESPÍRITAS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

50 Anos de Labor na Seara Espírita

O Centro Espírita HUMILDADE E CARIDADE, de Andrade Araújo, município de Nova Iguaçu, (RJ) comemorou seu cincoentenário de atividades espíritas no dia 14/4/1963.

Cêrca de 400 pessoas se concentraram, vindas de vários pontos do Estado, para as festividades do meio século de trabalho, de humildade e caridade e nessa oportunidade aplaudiram os atos de posse de nada menos que 7 diretorias de entidades espíritas iguaçuanas, que se coligaram para um só evento naquela data significativa. A aniversariante festejou, igualmente, o 38.º de fundação da escolinha de alfabetização que mantém.

Uma delegação vinda de Niterói, representou o Presidente da Federação Estadual, alí encontrando embaixadas de Caxias, Nilópolis e Magé, além de muitas delegações de entidades espíritas guanabarinas. A Federação Espírita Brasileira também se fêz representar pelos seus diretores Atlas de Castro e Antonio Paiva Melo, êste último encarregado da palestra da tarde. A embaixada caxiense foi a mais numerosa: 74 pessoas, das 9 entidades kardecistas do município.

O bravo lidador Antonio Almeida, muitas vêzes Presidente da Casa, não resistiu às comoventes e repetidas manifestações sentimentais que o envolveram e teve de afastar-se da cena por instantes. Como sói acontecer em festas espíritas, fizeram-se recitativos e cânticos, indo a solenidade findar-se às 19 horas.

VII Semana Espírita «Allan Kardec»

Por sugestão do confrade Antanas Alexandravicius, Presidente do Centro Espírita «Thiago Apóstolo» e liderada pelo infatigável Manoel Max das Dôres, dirigente da Mansão do Divino Pastor, realizou a União Municipal Espírita de Duque de Caxias a VII Semana Espírita «Allan Kardec», homenageando o 106.º aniversário do «Livro dos Espíritos».

Abriu o certame o confrade Ramiro Gama, na sede da União, a 7 de abril. No dia seguinte, na Casa de Cairbar, falou o jovem Gerson Bastos. Na Mansão Divino Pastor, a 9, Humberto Alexandrino de Aquino, para no dia imediato falar o confrade Flávio S. Pereira, no Centro Espírita «Caminheiros de Jesus». Genival Lima orou no Grupo da Fraternidade «Ana Prado» e Antonio da Costa Oliveira no Centro Espírita «Thiago Apóstolo». Por fim, falou o confrade Jaques Aboab, tendo por cena o Centro Espírita «Bezerra de Menezes».

A rigor, todos os oradores foram grandes. Souberam transmitir ensina-

mentos oportunos à grande família espírita caxiense, cuja sêde de cultura se acentúa a cada dia. Humberto de Aquino, para lembrarmos com saudade sua oração, esclareceu com descortino, a coincidência do certame com a chamada «Semana Santa», enquanto os jovens Antonio da Costa Oliveira e Genival Lima proporcionavam excelentes lições relacionadas aos problemas de ordem mediúnica e social.

7.º Aniversário da Ass. Esp. «Cairbar Schutel»

No dia 25/5/63, a Associação Espírita «Cairbar Schutel» completará 7 anos. Por sér sábado, a solenidade será no domingo, dia 26. Na ocasião usará da palavra o escritor e jornalista dr. Carlos Imbassahy, estando certa a vinda de numerosa caravana da Federação Espírita Fluminense, chefiada pelo seu Presidente, dr. Floriano M. Perez. O General Alfredo Molinaro, figura de enorme prestígio na sociedade espírita caxiense, acompanhará o dr. Carlos Imbassahy.

Mocidade Espírita de Duque de Caxias

Na ocasião em que os espíritas fluminenses festejarem o 7.º aniversário da Associação Espírita «Cairbar Schutel», a União Municipal Espírita daquela cidade estará fundando, como órgão subsidiário, a União das Mocidades Espíritas de Caxias.

Êsse importante órgão é o resultado do trabalho persistente do confrade Manoel Max das Dôres, que contou com o apôio da juventude do município.

Fala em Niterói o Dr. Postiglioni

Convidado pela Federação Espírita Fluminense, esteve na sede daquela entidade, o dr. Cristóforo Postiglioni, Vice-Presidente da Confederação Espírita da República Argentina.

Falando a um auditório seleto e atento, o confrade argentino proferiu brilhante oração, esclarecendo as finalidades do próximo Congresso Espírita Pan-Americano, a realizar-se em Buenos Aires no próximo mês de outubro.

Depois de informar os propósitos do «CEPA», afirmou que a Confederação Espírita Argentina está intensamente preocupada em fazer que a opinião pública do seu país conheça realmente o que é o Espiritismo e não em fazer prosélitos.

A convite do confrade Ademar Duarte Constant, Presidente da Associação Espírita «Cairbar Schutel», (Caxias), o dr. Postiglioni prometeu que, na sua próxima viagem ao Brasil, após o encontro de Buenos Aires, falará aos caxienses, na sede da entidade acima mencionada.

Na hora de necessidade o Govêrno recorreu à Casa de Cairbar

A crise para o funcionamento, êste ano, do Instituto de Educação foi superada, em boa hora, com o empréstimo que a Associação Espírita «Cairbar Schutel» fêz das dependências da sua Escola «Abraham Lincoln», onde cêrca de 300 meninos vêm fazendo o curso primário.

Não tendo ficado concluído o edifício do Instituto iniciado na gestão passada, o Governador Badger Silveira estava em sérias dificuldades para dar comêço a pelo menos o curso ginásial, trampolim mais em evidência para a formação das séries dos cursos Normal e Científico, uma vez que o pré-primário e o primário têm suas fontes naturais nas vinte mil crianças sem escola que perambulam no rico município fluminense.

No convênio organizado entre a diretoria da Associação Espírita Cairbar Schutel e as autoridades do Estado, ficarám asseguradas, «ab-initio», as matrículas de todos os alunos da Escola «Abraahm Lincoln», os quais tiveram apenas de se deslocar ao Grupo Escolar do Estado, distante 300 metros do local.

Ficou assegurado, outrossim, o acesso natural aos cursos secundário (1.º e 2.º ciclos), ao Normal e ao Científico, que o Instituto irá abrir.

Oferecendo sua moderna e confortável escola ao Govêrno, a Casa de Cairbar comprovou a sua utilidade pública oficialmente proclamada pelos governos Estadual e Municipal há alguns anos.

—

A aula inaugural foi dada no dia 4 de março último, pela professôra representante do Secretário de Educação do Estado, estando presentes diversos

deputados estaduais, o vereador Alayde Cunha, Presidente da Câmara Municipal, o sr. Ademar Duarte Constant, Presidente da Associação Espírita «Cairbar Schutel», todo o corpo docente do Instituto, professôras do Grupo Escolar e algumas centenas de alunos do Ginásio e do Primário, beneficiados com o ensino gratuíto.

O prof. Álvaro Lopes, diretor do Instituto, abriu os trabalhos e convidou para tomarem assentos à Mesa os presidentes da Associação Espírita «Cairbar Schutel» e da Câmara Municipal. Depois de a representante do Estado proferir a aula inaugural, falaram os dois outros convidados, encerrando a solenidade o diretor do Instituto.

Ficou muito cêdo provado aquilo que o companheiro Ademar Constant sempre disse, de que, para retirar o Espiritismo da concha, os caxienses teriam de trabalhar e oferecer ao povo algo melhor do que êle tem recebido de outras fontes, visto que o dever dos bons espíritas é trabalhar por uma sociedade tranqüila, segura e melhor do que a existente.

Hoje, em Caxias, os espíritas são respeitados e considerados cidadãos atuantes de um grupamento sério, que labora com dignidade e altruísmo para fazer verdadeira e magnífica a consigna de Jesus: «Ama a teu próximo como a ti mesmo».

Empossado o Conselho Diretor da Aliança de Uniões Espíritas da Baixada Fluminense

Tendo por finalidade congregar para melhor orientar os trabalhos de todos os espíritas da Baixada Fluminense, realizou-se em Nova Iguaçu (RJ), importante convenção, tendo por sede o Centro Espírita Pioneiros da Verdade. Assim, na tarde do dia 31/3/63, empossaram-se nos cargos para os quais haviam sido eleitos em dezembro último, como Presidente, o Sr. Carlos Augusto (Nilópolis); Vice, Francisco Gonçalves Santos (S. João de Meriti); 1.º Secr., Ademar Duarte Constant (Duque de Caxias); 2.º Secr., Waldyr de Aguiar (Magé); Diretor de Divulgação, José Higino (Nova Iguaçu), e como suplentes dos postos acima, pela ordem, os Srs. João Martinez Armada, Manoel Max das Dôres, Luiz Porfírio de Souza Sobrinho e Newton Gonçalves de Barros. Fêz a palestra da tarde festiva o confrade Custódio Beiral, cuja oração a todos encantou. A nova entidade conta com o apôio das Uniões Municipais Espíritas dos 5 principais municípios da Baixada Fluminense, onde vivem mais de um milhão de habitantes.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária realizada em 2 de Fevereiro de 1963

Proferida a prece inicial pelo Presidente do Conselho e lida e aprovada a ATA anterior, o Presidente faz considerações minuciosas sôbre o progresso e contínuo desenvolvimento do Espiritismo em todo o nosso País e termina comunicando que na nova Capital do Brasil foi fundada a «UNIÃO ESPÍRITA DE BRASÍLIA», cujo representante deverá tomar parte nas reuniões do Conselho Federativo Nacional.

Constou o Expediente de comunicações da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, confirmando o mandato de seu representante no Conselho Federativo, e da Federação Espírita do Rio Grande do Sul sôbre a realização do II Seminário Espírita, em Janeiro último.

SANTA CATARINA — O Conselheiro Manoel Bernardino anuncia a inauguração de uma Livraria Espírita, na Praça XV, de Florianópolis, com carinhoso apôio das Autoridades do Estado e da Imprensa, bem como de numeroso público.

SÃO PAULO — O Conselheiro Dr. Luiz Monteiro de Barros, representante da USE de São Paulo, propõe que o Conselho Federativo estude a possibilidade de uma futura concentração dos espíritas de vários Estados, em prosseguimento ao que feito pelo Simpósio Centro-Sulino. Deliberou o Conselho autorizar a USE a entrar em entendimentos diretos com vários Estados, para encaminhamento da proposta.

Feita pelo representante da Federação Piauiense a prece final, encerrou o Presidente a reunião, às dezesseis horas.

Obras Recomendáveis

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em tôrno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

O beijo da morta
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memorias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantís:

História de Cristo para as crianças
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Histórias que Jesus contou
Os meus deveres
História de Catarina
Os milagres de Jesus
Catecismo Espírita
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»

Parábolas e Ensinos de Jesus

Já se acha pronta a nova edição de «Parábolas e Ensinos de Jesus», de Cairbar Schutel, uma das grandes obras do infatigável apóstolo do Espiritismo.

Aliàs, essa obra sempre foi disputada pelos cultores da doutrina e, todos, agora, poderão obte-la, nesta última edição, encadernada e de feição gráfica muito bem apresentada, em tipo graúdo, e, portanto, de agradável e fácil leitura.

Encadernado Preço : Cr.$ 600,00.

O DIABO E A IGREJA
em face do Cristianismo

Recomendamos a leitura deste livro — «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

Brochado Preço : Cr.$ 120,00.

Conferências Radiofônicas

Já saiu do prelo e está à venda, nova edição desta apreciada obra, que enfeixa 15 Conferências Néo-Espiritualistas, proferidas por Cairbar Schutel, pelo microfône da Rádio Cultura de Araraquara — P. R. D. 4, no ano de 1937.

Apesar de terem sido pronunciadas há 24 anos, os temas de referidas conferências enfeixadas nesta obra são sempre oportunos. E', pois, um livro indispensável a todos que desejam compreender e bem interpretar os assuntos evangélicos.

Esta nova edição foi revista cuidadosamente, está impressa em tipo maior o que torna mais fácil e agradável a sua leitura.

Preço : Encadernado cr. $ 450,00 ; Brochura cr.$ 180,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»
Caixa postal 11 — MATÃO — SP
Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPIRITAS

Diretor Responsável: José da Cunha

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$600,00
Semestre	—	„ „	330,00

NÚMERO AVULSO CR.$60,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : **Rio de Janeiro**

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37